



TORMENTA DE ESPADAS



GEORGE
R.R.
MARTIN

- tradução de Jorge Candeias -



UMA NOTA SOBRE A CRONOLOGIA

As *Crônicas de Gelo e Fogo* são contadas através dos olhos de personagens que estão por vezes centenas ou mesmo milhares de quilômetros separadas umas das outras. Alguns capítulos cobrem um dia, outros apenas uma hora; outros podem englobar uma quinzena, um mês, meio ano. Com uma tal estrutura, a narrativa não pode ser estritamente sequencial; por vezes há coisas importantes a acontecer simultaneamente, separadas por mil léguas.

No caso do volume que tem agora na mão, o leitor deve compreender que os capítulos de abertura de *A Tormenta de Espadas* não se seguem aos últimos capítulos de *O Despertar da Magia*, antes se sobrepõem a eles. Abro com uma olhadela a algumas das coisas que se estavam a passar no Punho dos Primeiros Homens, em Correrrio, em Harrenhal e no Tridente enquanto se lutava a Batalha da Água Negra em Porto Real, e durante o seu rescaldo.

George R. R. Martin

*Para a Phyllis
que me obrigou a incluir os dragões*

PRÓLOGO

O dia estava cinzento e amargamente frio, e os cães não apanhavam o cheiro.

A grande cadela preta tinha farejado uma vez os rastos do urso, recuara e fugira para o meio da matilha com o rabo entre as pernas. Os cães aninhavam-se uns contra os outros, com um ar infeliz, na margem do rio, enquanto o vento lhes batia. Chett também o sentia, a morder através das camadas de lã negra e couro fervido. O frio era demasiado para homens ou animais, mas ali estavam eles. A boca retorceu-se-lhe, e quase conseguiu sentir o rubor e a irritação a invadir as borbulhas que lhe cobriam as faces e o pescoço. *Devia estar em segurança na Muralha, a tratar dos malditos corvos e a acender fogos para o velho Mestre Aemon.* Fora o bastardo Jon Snow que lhe roubara isso, o bastardo e o seu amigo gordo Sam Tarly. Era por culpa deles que estava ali, a congelar os malditos tomates com uma matilha de cães de caça, nas profundezas da floresta assombrada.

— Sete infernos. — Deu um forte puxão nas trelas para ganhar a atenção dos cães. — *Segui o rasto*, seus bastardos. Aquilo é uma pegada de urso. Quereis um pouco de carne ou não? *Busca!* — Mas os cães limitaram-se a aconchegar-se mais, ganindo. Chett fez estalar o seu chicote curto por cima das cabeças dos animais, e a cadela preta rosnou-lhe. — Carne de cão sabe tão bem como a de urso — preveniu-a, com o hálito a congelar a cada palavra.

Lark, o homem das Irmãs, estava em pé, com os braços cruzados sobre o peito e as mãos enfiadas nos sovacos. Usava luvas negras de lã, mas andava sempre a queixar-se de ter os dedos gelados.

— “Tá frio de mais p’á caçar — disse. — Que se lixe este urso, não vale o suficiente p’á congelarmos.

— Não podemos voltar p’ra trás de mãos vazias, Lark — ribombou o Paul Pequeno através da barba castanha que lhe cobria a maior parte da cara. — O Senhor Comandante não ia gostar disso. — Havia gelo por baixo do nariz esborrachado do enorme homem, onde o ranho congelara. Uma mão gigantesca metida numa espessa luva de peles agarrava com força o cabo de uma lança.

— Que se lixe também o Velho Urso — disse o homem das Irmãs, um homem magro com feições bem definidas e olhos nervosos. — O Mormont vai ‘tar morto antes de nascer o dia, esqueceste-te? Quem se importa com aquilo que ele gosta?

O Paul Pequeno piscou os seus pequenos olhos pretos. Talvez se tivesse esquecido, pensou Chett; era suficientemente estúpido para esquecer quase qualquer coisa.

— Porque é que temos de matar o Velho Urso? Porque não nos vamos só embora e deixamos o tipo em paz?

— E achas que ele nos ia deixar em paz a nós? — disse Lark. — Ele ia dar-nos caça. Queres ser caçado, seu grande cabeça de carneiro?

— Não — disse o Paul Pequeno. — Não quero isso. Não quero.

— Então matas o homem? — disse Lark.

— Sim. — O enorme homem bateu na margem congelada do rio com o cabo da lança. — Mato. Ele não devia caçar a gente.

O homem das Irmãs tirou as mãos dos sovacos e virou-se para Chett.

— Eu acho que devíamos matar *todos* os oficiais.

Chett estava farto de ouvir aquilo.

— Já falámos sobre isso. O Velho Urso morre, e o Blane, da Torre Sombria, também. O Grubbs e o Aethan também, má sorte a deles por lhes ter calhado esse turno. O Dywen e o Bannen por serem bons batedores, e o Sor Porquinho por causa dos corvos. É *tudo*. Matamos os tipos em silêncio, enquanto dormem. Um grito, e somos comida para vermes, todos nós. — Tinha as borbulhas vermelhas de raiva. — Faz o que te compete e trata de que os teus primos façam o que lhes compete a eles. E, Paul, tenta lembrar-te, é o *terceiro* turno, não o segundo.

— Terceiro turno — disse o grande homem, através de pêlos e ranho congelado. — Eu e o Pé-Leve. Eu lembro-me, Chett.

A Lua estaria nova naquela noite, e tinham manipulado os turnos para terem oito dos seus de sentinela, com mais dois a guardar os cavalos. As coisas não iam ficar muito mais maduras do que aquilo. Além disso, os selvagens estariam ali a qualquer momento. Chett tencionava encontrar-se bem longe do Punho antes que isso acontecesse. Tencionava sobreviver.

Trezentos irmãos ajuramentados da Patrulha da Noite tinham avançado para norte, duzentos de Castelo Negro e mais cem da Torre Sombria. Era a maior patrulha de que havia memória, quase um terço das forças da Patrulha. Queriam encontrar Ben Stark, Sor Waymar Royce, e os outros patrulheiros que tinham desaparecido, e descobrir o motivo porque os selvagens andavam a abandonar as suas aldeias. Bem, não estavam mais perto do Stark e do Royce do que após deixarem a Muralha para trás, mas tinham ficado a saber o local para onde todos os selvagens haviam ido — para as alturas geladas dos miseráveis Colmilhos de Gelo. Podiam alapardar-se aí até ao fim dos tempos, que isso não espremia nem um bocadinho os furúnculos de Chett.

Mas não. Vinham a descer. Pelo Guadeleite.

Chett ergueu os olhos e ali estava ele. As margens pedregosas do rio encontravam-se debruadas de gelo, e as suas águas claras e leitosas fluíam sem parar dos Colmilhos de Gelo. E agora Mance Rayder e os seus selvagens aproximavam-se fluindo pelo mesmo caminho. Thoren Smallwood regressara coberto de espuma três dias antes. Enquanto contava ao Velho Urso o que os seus batedores tinham visto, um dos seus homens, Kedge Whiteye, contara-o aos outros.

— Ainda estão bem alto nos Colmilhos de Gelo, mas vêm aí — disse Kedge, aquecendo as mãos sobre a fogueira. — Harma Cabeça-de-Cão, aquela cadela bexigosa, tem a vanguarda. O Goady esgueirou-se até ao seu acampamento e viu-a bem junto ao fogo. Aquele palerma do Tumberjon queria abatê-la com uma seta, mas Smallwood teve mais juízo.

Chett escarrara.

— Quantos eram, conseguiste ver?

— Muitos e mais ainda. Vinte, trinta mil, não ficámos para contar. Harma tinha quinhentos na vanguarda, todos eles a cavalo.

Os homens que rodeavam a fogueira trocaram olhares desconfortáveis. Era coisa rara encontrar nem que fosse uma dúzia de selvagens a cavalo, e *quinhentos*...

— O Smallwood mandou-me a mim e ao Bannen rodear a vanguarda para dar uma espreitadela ao corpo principal — prosseguiu Kedge. — Não tinham fim. Movem-se devagar como um rio congelado, quatro ou cinco milhas por dia, mas também não dão ares de irem voltar às suas aldeias. Mais de metade são mulheres e crianças, e levam os animais com eles, cabras, ovelhas, até auroques a arrastar trenós. Estão carregados com fardos de peles e pilhas de carne, gaiolas de galinhas, vasilhas para manteiga e rocas, todas as porcarias que possuem. As mulas e garranos vinham tão carregados que pareciam quase a quebrar o dorso. As mulheres também.

— E seguem o Guadeleite? — perguntara Lark, o homem das Irmãs.

— Foi o que eu disse, não foi?

O Guadeleite levá-los-ia a passar pelo Punho dos Primeiros Homens, o antigo forte anelar onde a Patrulha da Noite montara acampamento. Qualquer homem com um dedo de bom senso via que era altura de empacotar a tralha e retirar para a Muralha. O Velho Urso fortalecera o Punho com espigões, fossos e estrepes, mas contra uma hoste tão grande, tudo isso era inútil. Se ficassem ali, seriam submergidos e esmagados.

E Thoren Smallwood queria *atacar*. O Doce Donnel Hill era escudeiro de Sor Mallador Locke, e duas noites antes Smallwood viera à tenda de Locke. Sor Mallador fora da mesma opinião do velho Sor Ottyn Wythers,

insistindo numa retirada para a Muralha, mas Smallwood queria convencê-lo do contrário.

— Este Rei-para-lá-da-Muralha nunca nos esperará tão longe para norte — dissera ele, segundo o Doce Donnel. — E esta sua grande hoste é desajeitada, cheia de bocas inúteis que não saberão de que lado da espada se pega. Um golpe tirar-lhes-á toda a vontade de lutar e pô-los-á em fuga, aos uivos, de volta às suas cabanas pelos próximos cinquenta anos.

Trezentos contra trinta mil. Chett chamava a isso uma completa loucura, e o que era ainda mais louco era que Sor Mallador fora convencido, e os dois, juntos, estavam a ponto de fazer o Velho Urso mudar de ideias.

— Se esperarmos demasiado, esta oportunidade poderá ser perdida, e para sempre — andava Smallwood a dizer a quem quer que o quisesse ouvir. Contra aquilo, Sor Ootyn Wythers dissera:

— Somos o escudo que defende os reinos dos homens. Não se deita fora um escudo sem bons motivos — mas a isso Thoren Smallwood ripostara:

— Num duelo de espadas, a mais segura defesa de um homem é o rápido ataque que mata o inimigo, não aninhar-se com medo atrás de um escudo.

Mas nem Smallwood nem Wythers tinham o comando. Quem o tinha era o Lorde Mormont, e Mormont estava à espera dos seus outros batedores, à espera de Jarmen Buckwell e dos homens que tinham trepado a Escada do Gigante, e de Qhorin Meia-Mão e Jon Snow, que tinham ido bater o Passo dos Guinchos. Mas o regresso de Buckwell e do Meia-Mão estava atrasado. *O mais certo é estarem mortos.* Chett imaginou Jon Snow a jazer, azul e congelado, nalgum cume de montanha, com a lança de um selvagem enfiada naquele cu de bastardo. A ideia fê-lo sorrir. *Espero que também tenham matado o seu maldito lobo.*

— Aqui não há urso nenhum — decidiu abruptamente. — Não passa duma velha pegada. De volta ao Punho. — Os cães quase o deitaram ao chão, tão ansiosos por regressar como ele. Talvez pensassem que iam ser alimentados. Chett não conseguiu evitar uma gargalhada. Já não os alimentava havia três dias, para os deixar ferozes e famintos. Naquela noite, antes de desaparecer na escuridão, libertá-los-ia no meio das fileiras de cavalos, depois do Doce Donnel Hill e do Karl Pé-Torto cortarem as cordas que os prendiam. *Hão-de ter cães e cavalos em pânico por todo o Punho, atravessando fogueiras em corrida, saltando por cima da muralha, e atirando tendas ao chão.* Com toda a confusão, podiam passar-se horas até que alguém reparasse que catorze irmãos tinham desaparecido.

Lark quisera trazer o dobro desse número, mas o que se podia esperar de um estúpido tipo das Irmãs, com a boca a feder a peixe? Bastava mur-

murar uma palavra no ouvido errado, e antes de se dar por isso, ficava-se com uma cabeça a menos. Não, catorze era um bom número, homens bastantes para fazer o que tinha de ser feito, mas não tantos que não fossem capazes de manter segredo. Chett recrutara pessoalmente a maioria. O Paul Pequeno era um dos seus; o homem mais forte da Muralha, mesmo que tivesse o raciocínio mais lento do que um caracol morto. Uma vez partira as costas de um selvagem com um abraço. Também tinham o Adaga, assim chamado devido à sua arma preferida, e o pequeno homem grisalho a que os irmãos chamavam Pé-Leve, que violara uma centena de mulheres na juventude e que agora gostava de se gabar de nenhuma o ter visto ou ouvido até que lhes enfiara o pau.

O plano era de Chett. Era ele o inteligente; fora intendente do velho Mestre Aemon durante quatro bons anos até que aquele bastardo do Jon Snow o tramara para que o trabalho fosse entregue ao porco gordo do seu amigo. Quando matasse Sam Tarly naquela noite, planeava murmurar-lhe ao ouvido: “Cumprimentos ao Lorde Snow”, antes de abrir a goela ao Sor Porquinho e deixar que o sangue saísse a borbulhar de todas aquelas camadas de sebo. Chett conhecia os corvos, portanto não teria aí nenhum problema, não mais do que teria com Tarly. Um toque da sua faca e aquele cobarde mijaria as calças e desataria a choramingar pela vida. *Que suplique, não há-de ganhar nada com isso.* Depois de lhe abrir a goela, abriria as gaiolas e espantaria as aves, para que nenhuma mensagem chegasse à Muralha. O Pé-Leve e o Paul Pequeno matariam o Velho Urso, o Adaga trataria de Blane e Lark e os primos silenciariam Bannen e o velho Dywen, para evitar que se pusessem depois a farejar o seu rasto. Havia quinze dias que escondiam comida, e o Doce Donnel e o Karl Pé-Torto teriam os cavalos preparados. Com Mormont morto, o comando passaria para Sor Ottyn Wythers, um velho acabado que já fraquejava. *Antes de nascer o dia, já ele há-de estar a fugir para a Muralha, e também não há-de desperdiçar nem um homem à nossa procura.*

Os cães puxavam por ele enquanto abriam caminho por entre as árvores. Chett via o Punho, que abria caminho através da verdura para as alturas. O dia estava tão escuro que o Velho Urso mandara acender os archotes, um grande círculo deles a arder ao longo da muralha anelar que coroava o topo do íngreme monte pedregoso. Os três vadearam um ribeiro. A água estava gelada, e manchas de gelo espalhavam-se pela sua superfície.

— Vou direito à costa — confidenciou Lark, o homem das Irmãs.
— Eu e os meus primos. Construímos um barco, e voltamos nele p’ a casa, p’ as Irmãs.

E em casa saberão que sois desertores e cortam-vos as cabeças de idiotas,

pensou Chett. Não havia saída da Patrulha da Noite depois de proferir os votos. *Em qualquer ponto dos Sete Reinos, apanham-te e matam-te.*

Agora, o Otto Mão-Cortada, esse andava a falar em velejar até Tyrosh, onde dizia que os homens não perdiam as mãos por um pouco de honesta ladroagem, nem eram postos a congelar por terem sido encontrados na cama com a mulher de um cavaleiro qualquer. Chett ponderara ir com Otto, mas não falava a língua húmida de meninas que lá se falava. E que poderia fazer em Tyrosh? Não aprendera ofício de que valesse a pena falar ao crescer no Atoleiro da Bruxa. O pai passara a vida a fossar nos campos dos outros, a apanhar sanguessugas. Punha-se em pelota à excepção de uma grossa fralda de couro, e entrava na água lamacenta. Quando de lá saía, estava coberto, dos mamilos aos tornozelos. Por vezes, obrigava Chett a arrancar as sanguessugas. Um dia, uma prendera-se à palma da sua mão, e ele esmagara-a de encontro a uma parede, repugnado. O pai espancara-o até o deixar em sangue por causa disso. Os mestres compravam as sanguessugas a doze por um dinheiro.

Lark podia ir para casa, se quisesse, e o maldito tyroshi também, mas Chett não. Se nunca voltasse a ver o Atoleiro da Bruxa, vê-lo-ia cedo de mais. Gostara do aspecto da Fortaleza de Craster. Craster vivia aí como um senhor, portanto porque não haveria Chett de fazer o mesmo? Seria uma paródia. Chett, o filho do apanhador de sanguessugas, um lorde com uma fortaleza. O seu estandarte podia ser uma dúzia de sanguessugas em fundo cor-de-rosa. Mas porquê parar em lorde? Talvez devesse ser um rei. *Mance Rayder começou em corvo. Eu podia ser rei tal como ele, e arranjar umas quantas mulheres.* Craster tinha dezanove, sem sequer contar com as novas, as filhas com que ainda não se deitara. Metade daquelas mulheres eram tão velhas e feias como Craster, mas isso não importava. Às velhas, Chett podia pôr a trabalhar, a cozinhar e a limpar para ele, a arrancar cenouras da terra e a dar de comer a porcos, enquanto as novas lhe aqueciam a cama e lhe davam filhos. Craster não havia de colocar objecções, pelo menos depois de o Paul Pequeno lhe dar um abraço.

As únicas mulheres que Chett conhecera eram as rameiras por que pagara em Vila Toupeira. Quando fora mais novo, as raparigas da aldeia deitavam uma olhadela à sua cara, com os furúnculos e os quistos, e afastavam os olhos, repugnadas. A pior fora aquela vaca da Bessa. Abria as pernas a todos os rapazes do Atoleiro da Bruxa, e Chett pensara porque não as abriria também para ele? Até passara uma manhã a apanhar flores silvestres quando ouvira dizer que ela as apreciava, mas Bessa limitara-se a rir-se na sua cara e a dizer que mais depressa se enfiaria numa cama com as sanguessugas do pai do que com ele. Parara de rir quando ele enfiara a faca nela. Isso fora agradável, ver a expressão na cara dela, por isso tirara a faca

e enfiara-a de novo. Quando o apanharam perto de Seterrios, o velho Lorde Walder Frey nem sequer se incomodara em vir pessoalmente julgá-lo. Mandara um dos seus *bastardos*, aquele Walder Rivers, e quando dera por si, Chett estava a caminho da Muralha com aquele fedorento demónio preto do Yoren. Em paga pelo seu único momento de satisfação, tinham-lhe roubado a vida inteira.

Mas agora tencionava roubá-la de volta, e também às mulheres de Craster. *Aquele retorcido velho selvagem é que sabe. Se queres casar com uma mulher, basta tomá-la, e nada de lhe dar flores para que talvez não repare nas tuas malditas borbulhas.* Chett não tencionava voltar a cometer esse erro.

Iria resultar, prometeu a si próprio pela centésima vez. *Desde que a gente consiga afastar-se sem problemas.* Sor Ottyn avançaria na direcção da Torre Sombria, o caminho mais curto até à Muralha. *Ele não se vai incomodar com a gente, o Wythers não é homem para isso, tudo o que quer é voltar inteiro.* Agora, Thoren Smallwood, esse queria avançar com o ataque, mas a cautela de Sor Ottyn era demasiado profunda e tinha uma patente mais elevada. *Seja como for, que se lixe. Depois de a gente ir embora, Smallwood pode atacar quem quiser. Que nos importa? Se nenhum deles voltar para a Muralha, ninguém virá à nossa procura, hão-de pensar que estamos mortos com os outros.* Aquela era uma nova ideia, e por um momento tentou-o. Mas para dar a Smallwood o comando, teriam de matar também Sor Ottyn e Sor Mallador Locke, e ambos se rodeavam bem de dia e de noite... não, o risco era grande de mais.

— Chett — disse o Paul Pequeno enquanto iam avançando pensosamente por um trilho pedregoso aberto por animais entre árvores-sentinela e pinheiros marciais — e o pássaro?

— De que merda de pássaro estás tu a falar? — A última coisa de que precisava agora era de um cabeça-de-abóbora a falar de um pássaro.

— O corvo do Velho Urso — disse o Paul Pequeno. — Se o matarmos, quem vai dar comida ao pássaro?

— Quem se importa com isso? Mata o pássaro também, se quiseres.

— Não quero fazer mal a pássaro nenhum — disse o enorme homem. — Mas aquilo é um pássaro que fala. E se ele conta a alguém o que fizemos?

Lark, o homem das Irmãs, soltou uma gargalhada.

— O Paul Pequeno, de cabeça dura como a muralha de um castelo — troçou.

— Cala-te mas é com isso — disse o Paul Pequeno num tom que denotava perigo.

— Paul — disse Chett antes que o grandalhão ficasse demasiado zangado —, quando encontrarem o velho numa poça de sangue com a garganta

aberta, não vão precisar dum pássaro para lhes dizer que alguém o matou.

O Paul Pequeno saboreou aquilo por um momento.

— Isso é verdade — concedeu. — Nesse caso posso ficar com o pássaro? Gosto daquele pássaro.

— É teu — disse Chett, só para o calar.

— Sempre podemos comê-lo, se ficarmos com fome — sugeriu Lark.

O Paul Pequeno voltou a enevoar-se.

— É melhor que não tentes comer o *meu* pássaro, Lark. É melhor que não tentes.

Chett estava a ouvir vozes que vogavam por entre as árvores.

— Fechai a porcaria das bocas, os dois. Estamos quase no Punho.

Emergiram perto da vasta vertente do monte e rodearam-no para sul até ao local onde o declive era mais suave. Perto do limite da floresta, uma dúzia de homens praticava tiro com arco. Tinham esculpido silhuetas nos troncos das árvores, e disparavam setas contra elas.

— Olha — disse Lark. — Um porco com um arco.

Com efeito, o arqueiro mais próximo deles era o próprio Sor Porquinho, o rapaz gordo que roubara o lugar de Chett junto do Mestre Aemon. Bastou ver Samwell Tarly para se encher de raiva. Ser intendente do Mestre Aemon fora a melhor vida que algum dia conhecera. O velho cego não era exigente, e de qualquer maneira Clydas tratara da maior parte dos seus desejos. Os deveres de Chett eram fáceis: limpar a colónia, acender uns fogos, ir buscar umas refeições... e Aemon não lhe batera uma única vez. *Acha que pode chegar e pôr-me fora, lá porque é bem-nascido e sabe ler. Pode ser que lhe peça para ler a minha faca antes de lhe abrir a goela com ela.*

— Continuai — disse aos outros. — Eu quero ver isto. — Os cães estavam a puxar, ansiosos por ir com os outros, até à comida que julgavam que os esperaria lá em cima. Chett pontapeou a cadela com a ponta da bota, e isso acalmou-os um pouco.

Observou, das árvores, o gordo a lutar com um arco tão alto como ele, com a sua cara de lua vermelha contraída de concentração. No chão, à sua frente, estavam espetadas três setas. Tarly encaixou uma e retesou o arco, manteve-o retesado um longo momento enquanto tentava apontar, e largou. A seta desapareceu na verdura. Chett soltou uma ruidosa gargalhada, um resfôlego de doce repugnância.

— Nunca encontrarás aquela, e quem vai arcar com as culpas sou eu — anunciou Edd Tollett, o severo escudeiro grisalho a que todos chamavam Edd Doloroso. — Nunca há nada que desapareça que não olhem para mim, desde aquela altura em que perdi o cavalo. Como se tivesse podido evitá-lo. Ele era branco e estava a nevar, que esperavam?

— Aquela foi apanhada pelo vento — disse Grenn, outro amigo do Lorde Snow. — Tenta manter o arco firme, Sam.

— É pesado — queixou-se o gordo, mas preparou a segunda seta na mesma. Aquela saiu alta, metendo-se por entre os ramos três metros acima do alvo.

— Acho que deitaste abaixo uma folha daquela árvore — disse o Edd Doloroso. — O Outono está a cair suficientemente depressa, não é preciso ajudá-lo. — Suspirou. — E todos sabemos o que se segue ao Outono. Deuses, que frio que tenho. Dispara a última seta, Samwell, acho que a minha língua está a congelar no céu-da-boca.

O Sor Porquinho baixou o arco, e Chett julgou que ele ia desatar a berrar.

— É difícil de mais.

— Encaixa, puxa e larga — disse Grenn. — Vá lá.

Obedientemente, o gordo arrancou a última seta do chão, encaixou-a no arco, puxou e largou. Fê-lo rapidamente, sem entortar cuidadosamente os olhos ao longo da haste como fizera das primeiras duas vezes. A seta atingiu a silhueta desenhada a carvão na parte inferior do peito e aí ficou a tremer.

— *Atingi-o.* — O Sor Porquinho parecia chocado. — Grenn, viste? Edd, olha, atingi-o!

— Enfiaste-a entre as costelas dele, parece-me — disse Grenn.

— Matei-o? — quis saber o gordo.

Tollett encolheu os ombros.

— Podias ter perfurado um pulmão, se ela tivesse pulmões. A maior parte das árvores não têm, em regra. — Tirou o arco da mão de Sam. — Mas já vi piores tiros. Sim, e já disparei alguns.

O Sor Porquinho resplandecia. Se se olhasse para ele, poder-se-ia pensar que tinha realmente *feito* alguma coisa. Mas quando viu Chett e os cães, o seu sorriso ruiu e morreu aos guinchos.

— Acertaste numa árvore — disse Chett. — A gente logo vê como é que disparas quando forem os moços de Mance Rayder. Eles não hão-de ficar parados com os braços esticados e as folhas a restolhar, ah não. Hão-de vir direitinhos a ti, gritando-te na cara, e eu aposto que vais mijar essas bragas. Um deles há-de enfiar um machado mesmo no meio desses olhinhos de porco. A última coisa que vais ouvir há-de ser o *tunc* que o machado fizer quando te morder o crânio.

O gordo estava a tremer. O Edd Doloroso pôs-lhe uma mão no ombro.

— Irmão — disse ele solenemente —, lá porque se passou assim contigo, não quer dizer que Samwell passe pelo mesmo.

— De que estás tu a falar, Tollett?

— Do machado que te rachou o crânio. É verdade que metade dos teus miolos escorreram para o chão e os cães os comeram?

O grande palhaço do Grenn riu-se, e até Samwell Tarly conseguiu fazer um frágil sorrisinho. Chett pontapeou o cão mais próximo, puxou-lhes as trelas e pôs-se a subir o monte. *Sorri tudo o que quiseres, Sor Porquinho. Logo à noite logo vemos quem se ri.* Só gostaria de ter tempo de também matar Tollett. *Um palerma sombrio com cara de cavalo é o que ele é.*

A subida era íngreme, mesmo daquele lado do Punho, que tinha a inclinação menos pronunciada. A meio da subida os cães puseram-se a ladrar e a puxar por ele, julgando que iriam ser alimentados em breve. Em vez disso, deu-lhes a saborear um pouco de bota, e uma chicotada ao animal grande e feio que tentou mordê-lo. Depois de amarrar os cães, foi fazer o relatório.

— As pegadas estavam lá como o Gigante tinha dito, mas os cães não apanharam o cheiro — disse a Mormont à frente da sua grande tenda preta. — Junto ao rio daquela maneira, podiam ser pegadas velhas.

— É pena. — O Senhor Comandante Mormont tinha uma cabeça calva e uma grande e hirsuta barba grisalha, e soava tão cansado como parecia estar. — Podíamos ter ficado todos melhor com um pouco de carne fresca. — O corvo no seu ombro inclinou a cabeça e ecoou: “*Carne. Carne. Carne.*”

Podíamos cozinhar os malditos cães, pensou Chett, mas manteve a boca fechada até que o Velho Urso o mandasse embora. *E esta é a última vez que hei-de precisar de inclinar a cabeça a este tipo,* pensou para si próprio com satisfação. Parecia-lhe que estava a ficar ainda mais frio, coisa que teria jurado não ser possível. Os cães aninhavam-se uns contra os outros com um ar infeliz sobre a lama dura e congelada, e Chett quase se sentiu tentado a gatinhar para o meio deles. Em vez disso, envolveu a parte de baixo da cara num cachecol preto de lã, deixando entre as voltas uma fenda para a boca. Descobriu que ficava mais quente se se mantivesse em movimento, e deu uma lenta volta ao perímetro com um maço de folhamarga, partilhando um par de mascadelas com os irmãos negros que estavam de guarda e ouvindo o que eles tinham a dizer. Nenhum dos homens do turno do dia fazia parte dos seus planos; mesmo assim, achou que era bom ter alguma ideia do que eles pensavam.

Na maior parte, o que eles pensavam era que estava “frio como o raio”.

O vento começou a soprar com mais força à medida que as sombras se foram alongando. Fazia um som alto e fino enquanto tremia através das pedras da muralha anelar.

— Detesto aquele som — disse o pequeno Gigante. — Parece um bebé nos arbustos, a chorar por leite.

Quando terminou a volta e regressou para junto dos cães, encontrou Lark à sua espera.

— Os oficiais ‘tão outra vez na tenda do Velho Urso, numa grande discussão sobre qualquer coisa.

— É o que eles fazem — disse Chett. — São bem-nascidos, todos menos Blane, e embebedam-se com palavras em vez de vinho.

Lark aproximou-se de esguelha.

— O miolos-de-queijo não pára de falar do pássaro — preveniu, olhando em volta para se certificar de que não havia ninguém por perto. — Agora anda a perguntar se escondemos grãos para o maldito bicho.

— É um corvo — disse Chett. — Come cadáveres.

Lark fez um sorriso.

— O dele, se calhar?

Ou o teu. Parecia a Chett que precisavam mais do grandalhão do que de Lark.

— Deixa lá o Paul Pequeno. Faz a tua parte, ele há-de fazer a dele.

O ocaso já se espalhava pela floresta quando se conseguiu livrar do homem das Irmãs e se sentou a afiar a espada. Era um raio dum trabalho difícil com as luvas calçadas, mas não ia descalçá-las. Com o frio que estava, qualquer pateta que tocasse o aço com uma mão nua ia perder um bocado de pele.

Os cães ganiram quando o Sol se escondeu. Deu-lhes água e pragas.

— Mais meia noite, e podeis encontrar sozinhos os vossos festins.

— Por essa altura, já lhe cheirava ao jantar.

Dywen estava a arengar junto à fogueira quando Chett recebeu o seu bocado de pão duro e uma tigela de sopa de feijão e bacon das mãos de Hake, o cozinheiro.

— A floresta está demasiado silenciosa — estava o velho lenhador a dizer. — Nada de rãs perto do rio, nada de corujas no escuro. Nunca ouvi extensão de árvores mais morta do que esta.

— Esses teus dentes parecem bastante mortos — disse Hake.

Dywen fez estalar os seus dentes de madeira.

— E também nada de lobos. Dantes havia, mas já não há. Para onde vos parece que eles foram?

— Para algum sítio quente — disse Chett.

Da dúzia de irmãos sentados junto à fogueira, quatro eram seus. Dirigiu a todos eles um olhar duro de viés enquanto comia, para ver se algum mostrava sinais de quebrar. O Adaga parecia bastante calmo, sentado em silêncio e afiando a lâmina da sua arma, como fazia todas as noites. E o Doce Donnel Hill era todo gracejos fáceis. Tinha dentes brancos, gordos lábios vermelhos e madeixas amarelas que usava em artística desordem em

volta dos ombros, e dizia ser bastardo de um Lannister qualquer. E se calhar era. Chett não tinha uso nenhum a dar a rapazinhos bonitos ou a bastardos, mas o Doce Donnel parecia ser capaz de se aguentar.

Tinha menos certezas quanto ao forrageiro a que os irmãos chamavam Serrote, mais pelo modo como ressonava do que por qualquer coisa que tivesse a ver com árvores. Naquele momento parecia tão inquieto que podia bem não voltar a ressonar. E Maslyn era pior. Chett via suor a escorrer-lhe pela cara, apesar do vento gelado. As pérolas de humidade cintilavam à luz da fogueira, como outras tantas jóias molhadas. Maslyn, além disso, não comia, estava apenas a fitar a sopa como se o seu cheiro estivesse a ponto de o fazer vomitar. *Vou ter de vigiar aquele*, pensou Chett.

— Reunir! — O grito surgiu de súbito, vindo de uma dúzia de gargantas, e rapidamente se espalhou até todos os recantos do acampamento no cimo do monte. — Homens da Patrulha da Noite! Reunir junto da fogueira central!

Franzindo o sobrolho, Chett terminou a sopa e seguiu os outros.

O Velho Urso estava em pé junto da fogueira, com Smallwood, Locke, Wythers e Blane alinhados em fila atrás dele. Mormont usava um manto de espessas peles negras, e o corvo estava empoleirado no seu ombro, alisando as suas penas negras. *Isto não pode ser bom*. Chett enfiou-se entre o Bernarr Castanho e alguns homens da Torre Sombria. Depois de todos se reunirem, à exceção dos vigias na floresta e dos guardas na muralha anelar, Mormont pigarreou e escarrou. O cuspo congelou antes de chegar ao chão.

— Irmãos — disse ele —, homens da Patrulha da Noite.

“Homens!”, guinchou o corvo, “Homens! Homens!”

— Os selvagens estão em marcha, seguindo o curso do Guadeleite para fora das montanhas. Thoren crê que a sua vanguarda estará aqui dentro de dez dias. Os seus corsários mais experientes estarão com Harma Cabeça-de-Cão nessa vanguarda. Os outros formarão provavelmente uma guarda de retaguarda, ou então viajarão bem perto do próprio Mance Rayder. Nos outros pontos, os guerreiros deles estarão muito espalhados ao longo da linha de marcha. Têm bois, mulas, cavalos, mas bastante poucos. A maior parte deles estará a pé, mal armados e sem treino. É mais provável que as armas que transportam sejam de pedra e osso do que de aço. Estão sobrecarregados com mulheres, crianças, rebanhos de ovelhas e cabras, e todos os seus bens materiais. Em suma, embora sejam numerosos, são vulneráveis... e não sabem que estamos aqui. Ou pelo menos temos que rezar para que não saibam.

Eles sabem, pensou Chett. *Seu maldito saco velho de pus, eles sabem, é tão certo como o nascer do Sol. Qhorin Meia-Mão não voltou, pois não? Nem Jarman*

Buckwell. Se algum deles foi apanhado, sabes bem como um raio que os selvagens já lhes arrancaram uma cantilena ou duas por esta altura.

Smallwood deu um passo em frente.

— Mance Rayder planeia quebrar a Muralha e levar uma guerra sangrenta aos Sete Reinos. Bem, esse é um jogo que pode ser jogado por dois. De manhã, levamos a guerra até ele.

— Partimos à alvorada com todas as nossas forças — disse o Velho Urso, enquanto um murmúrio percorria a assembleia. — Avançaremos para norte, curvando depois para oeste. A vanguarda de Harma já terá passado há muito pelo Punho quando virarmos. O sopé dos Colmilhos de Gelo está repleto de vales estreitos e sinuosos, perfeitos para emboscadas. A linha de marcha deles estender-se-á ao longo de muitas milhas. Cairemos sobre eles em vários locais ao mesmo tempo, e obrigá-los-emos a jurar que somos três mil homens, e não trezentos.

— Atacaremos em força, e estaremos longe antes que os seus cavaleiros consigam formar para nos enfrentar — disse Thoren Smallwood. — Se vierem no nosso encalço, dar-lhes-emos que fazer durante algum tempo, e depois faremos meia-volta para voltar a atacar a coluna, mais abaixo. Queimar-lhes-emos as carroças, dispersar-lhes-emos os rebanhos, e mataremos tantos selvagens quantos pudermos. O próprio Mance Rayder também, se o encontrarmos. Se quebrarem e regressarem às suas cabanas, ganhámos. Se não, atormentá-los-emos ao longo de todo o caminho até à Muralha, certificando-nos de que deixem um trilho de cadáveres a marcar o seu progresso.

— *Eles são milhares* — gritou alguém de detrás de Chett.

— Vamos morrer. — Era a voz de Maslyn, verde de medo.

“Morrer”, gritou o corvo de Mormont, batendo as asas negras. “Morrer, morrer, morrer.”

— Muitos de nós, sim — disse o Velho Urso. — Talvez mesmo todos. Mas tal como outro Senhor Comandante disse há mil anos, é por isso que nos vestem de preto. Lembrai-vos das vossas palavras, irmãos. Pois nós somos as espadas na escuridão, os vigilantes nas muralhas...

— O fogo que arde contra o frio. — Sor Mallador Locke puxou pela espada.

— A luz que traz consigo a alvorada — responderam outros, e mais espadas foram puxadas das bainhas.

E então todos eles estavam a pegar nas armas, e eram quase trezentas espadas erguidas para o céu e outras tantas vozes a gritar: “*A trombeta que acorda os que dormem! O escudo que defende os reinos dos homens!*” Chett não teve outra hipótese que não fosse juntar a sua voz às dos outros. Havia uma neblina no ar vinda da respiração dos homens, e a luz da fogueira rebrilhava

no aço. Sentiu-se contente por ver que Lark, o Pé-Leve e o Doce Donnel Hill também se juntavam, como se fossem uns palermas tão grandes como os restantes. Isso era bom. Não era sensato chamar as atenções, quando a hora estava tão próxima.

Quando os gritos se silenciaram, voltou-se a ouvir o som do vento a dedilhar a muralha anelar. As chamas rodopiaram e estremeçeram, como se também elas tivessem frio, e no súbito silêncio, o corvo do Velho Urso crocitou sonoramente e disse, uma vez mais: “Morrer”.

Pássaro esperto, pensou Chett enquanto os oficiais ordenavam o dispersar, dizendo a todos para ingerirem uma boa refeição e terem um longo descanso naquela noite. Chett enfiou-se nas suas peles perto dos cães, com a cabeça cheia de coisas que podiam correr mal. E se aquele maldito idiota tivesse feito um dos seus mudar de ideias? Ou se o Paul Pequeno se esquecesse e tentasse matar Mormont durante o segundo turno e não no terceiro? Ou se Maslyn perdesse a coragem, ou se alguém se transformasse em informador, ou...

Deu por si a escutar a noite. O vento realmente soava como uma criança a chorar, e de tempos a tempos conseguia ouvir vozes de homens, o relincho de um cavalo, um bocado de lenha a crepitar na fogueira. Mas nada mais. *Tanto silêncio.*

Conseguia ver a cara de Bessa a flutuar à sua frente. *Não era a faca que queria espetar em ti*, desejou dizer-lhe. *Apanhei flores para te dar, rosas silvestres, tanásias e copodouros, levei toda a manhã.* Tinha o coração a bater como um tambor, com tanta força que temeu que o barulho acordasse o acampamento. Gelo solidificara na sua barba, em torno da boca. *De onde veio isto da Bessa?* Sempre que pensara nela antes, fora apenas para se lembrar da expressão do seu rosto enquanto morria. Que se passava consigo? Quase não conseguia respirar. Teria adormecido? Pôs-se de joelhos, e algo húmido e frio tocou-lhe o nariz. Chett olhou para cima.

Nevava.

Sentiu as lágrimas a congelar na sua cara. *Não é justo*, quis gritar. A neve arruinaria tudo aquilo para que trabalhara, todos os seus cuidadosos planos. Era um grande nevão, com grandes flocos brancos que caíam a toda a volta. Como encontrariam os esconderijos de comida no meio da neve, ou o trilho que planeavam seguir para leste? *E eles também não vão precisar nem de Dywen nem de Bannen para nos dar caça, se nos perseguirem em neve fresca.* E a neve escondia a forma do terreno, especialmente durante a noite. Um cavalo podia tropeçar numa raiz, partir uma perna numa pedra. *Estamos feitos*, compreendeu. *Feitos antes de começar. Estamos perdidos.* Não haveria vida de lorde para o filho do caçador de sanguessugas, não haveria uma fortaleza a que chamasse sua, nem esposas, nem coroas. Só uma espa-

da de selvagem espetada na barriga, e depois uma sepultura não assinalada. *A neve roubou-me tudo... a maldita neve...*

A neve já o arruinara uma vez antes. A neve e o seu porco de estimação.

Chett pôs-se em pé. Tinha as pernas hirtas, e os flocos de neve que caíam transformavam os archotes distantes em vagos clarões cor-de-laranja. Sentiu-se como se estivesse a ser atacado por uma nuvem de pálidos bichos frios. Assentavam nos seus ombros e cabeça, e depois escorriam-lhe para o nariz e os olhos. Praguejando, esfregou-os. *Samwell Tarly*, recordou. *Ainda posso tratar do Sor Porquinho*. Enrolou o cachecol em torno da cara, puxou o capuz por sobre a cabeça e pôs-se a atravessar o acampamento para o local onde o cobarde dormia.

A neve caía tão intensamente que se perdeu entre as tendas, mas por fim distinguiu o pequeno quebra-ventos aconchegado que o gordo construíra para si entre um rochedo e as gaiolas dos corvos. O Tarly encontrava-se enterrado sob um monte de cobertores negros de lã e peles hirsutas. A neve entrara no abrigo e começava a cobri-lo. Parecia uma espécie de montanha mole e redonda. Aço sussurrou em couro, ténue como a esperança, quando Chett desembainhou o punhal. Um dos corvos soltou um *quorc*. “*Snow*”, resmungou outro, espreitando através das barras com olhos negros. O primeiro acrescentou um “*Snow*” ao do parceiro. Chett passou por eles, colocando os pés no chão com cautela. Apertaria a boca do gordo com a mão esquerda para lhe abafar os gritos, e depois...

Uuuuuuuuuuuuhooooooooooooo.

Parou a meio de um passo, engolindo a praga enquanto o som do corno estremecia pelo acampamento, ténue e longínquo, mas inconfundível. *Agora não. Malditos sejam os deuses, agora NÃO!* O Velho Urso escondera olheiros num anel de árvores em torno do Punho, a fim de ser avisado de qualquer coisa que se aproximasse. *Jarman Buckwell voltou da Escada do Gigante*, supôs Chett, *ou Qhorin Meia-Mão do Passo dos Guínchos*. Um único sopro no corno significava irmãos de regresso. Se fosse o Meia-Mão, Jon Snow podia estar com ele, vivo.

Sam Tarly sentou-se, de olhos inchados, e olhou confuso para a neve. Os corvos crocitavam ruidosamente, e Chett ouvia os seus cães a ladrar. *Metade do maldito acampamento está acordado*. Os seus dedos enludados apertaram o cabo do punhal enquanto esperava que o som se desvanecesse. Mas assim que desapareceu, surgiu de novo, com mais força e durante mais tempo.

Uuuuuuuuuuuuuuuuhooooooooooooooooooooo.

— Deuses — ouviu Sam Tarly choramingar. O gordo pôs-se de joelhos, com os pés enredados no manto e mantas. Afastou-os com um ponta-

pé e estendeu a mão para um lorigão que pendurara do rochedo ali perto. Enquanto enfiava pela cabeça aquela enorme tenda e se contorcia lá para dentro, deitou uma olhadela a Chett, que não se movera. — Foram dois? — perguntou. — Sonhei que tinha ouvido dois sopros...

— Não foi sonho — disse Chett. — Dois sopros para pôr a Patrulha em armas. Dois sopros para indicar que inimigos se aproximam. Há um machado lá fora com *Porquinho* escrito nele, gordo. Dois sopros quer dizer *selvagens*. — O medo naquela grande cara de lua deu-lhe vontade de rir. — Fodam-se todos até aos sete infernos. Maldita Harma. Maldito Mance Rayder. Maldito Smallwood, que disse que só iam chegar cá daqui a...

Uuuuuuuuuuuuuuuuuuuuhoo.

O som durou, durou e durou, até parecer que nunca terminaria. Os corvos batiam as asas e guinchavam, voando nas suas gaiolas e esbarrando nas barras, e por todo o acampamento os irmãos da Patrulha da Noite levantavam-se, vestiam as armaduras, prendiam cintos de espadas, estendiam as mãos para machados de batalha e arcos. Samwell Tarly desatou a tremer, com a cara da mesma cor da neve que caía, rodopiando, a toda a volta.

— Três — guinchou para Chett —, aquilo foram três, ouvi três. Nunca fazem soar três. Há centenas e milhares de anos que não fazem soar três. Três quer dizer...

— ...*Outros*. — Chett soltou um som que era metade gargalhada e metade soluço, e de súbito a roupa de baixo estava molhada, sentia o mijo a escorrer-lhe pela perna, e via vapor a evaporar-se da frente das suas bragas.

JAIME

Um vento de leste soprou-lhe através do cabelo emaranhado, tão suave e perfumado como os dedos de Cersei. Ouvia aves a cantar, e sentia o rio a deslocar-se debaixo do barco, à medida que os movimentos dos remos os aproximavam da pálida alvorada cor-de-rosa. Depois de passar tanto tempo na escuridão, o mundo era tão encantador que Jaime Lannister se sentia tonto. *Estou vivo, e bêbado de sol.* Uma gargalhada atravessou-lhe os lábios, súbita como uma codorniz espantada do esconderijo.

— Silêncio — resmungou a rapariga, carregando o sobrolho. Carrancas adequavam-se mais à sua cara grosseira do que um sorriso. Não que Jaime a tivesse visto sorrir alguma vez. Divertia-se imaginando-a vestida com um dos vestidos de seda de Cersei em vez do justilho de couro com tachas que envergava. *Tanto faz vestir de seda uma vaca como esta tipa.*

Mas a vaca remava bem. Por baixo das suas bragas de tecido grosseiro e castanho, havia barrigas de pernas que eram como cordões de madeira, e os longos músculos dos seus braços estendiam-se e contraíam-se com cada batida dos remos. Mesmo depois de remar metade da noite, não mostrava sinais de cansaço, o que era mais do que se podia dizer do primo de Jaime, Sor Cleos, que se afadigava com o outro remo. *Uma grande e forte camponesa, pelo aspecto, mas fala como alguém de nascimento elevado e usa espada e punhal. Ah, mas saberá usá-los?* Jaime tencionava descobrir, assim que se livrasse daqueles grillhões.

Usava grilhetas de ferro nos pulsos e um par a combinar nos tornozelos, unidos por um bocado de pesada corrente que não tinha mais de trinta centímetros de comprimento.

— Julgar-se-ia que a minha palavra de Lannister não é suficientemente boa — gracejara quando o tinham prendido. Nesse momento estava muito bêbado, graças a Catelyn Stark. Recordava apenas bocados desenhados da fuga de Correrrio. Houvera um problema qualquer com o carcereiro, mas a rapariga grande dominara-o. Depois disso tinham subido uma escadaria que não parecia ter fim, às voltas e às voltas. As suas pernas estavam fracas como relva, e tropeçara duas ou três vezes, até que a rapariga lhe oferecera um braço a que se apoiar. A dado ponto, fora enrolado num manto de viajante e atirado para o fundo de um esquite. Lembrava-se de ouvir a voz da Senhora Catelyn a ordenar a alguém que erguesse a porta levadiça do Portão da Água. Num tom que não admitia discussões, decla-

rara que estava a enviar Sor Cleos Frey de regresso a Porto Real com novas condições para a rainha.

Nessa altura, devia ter adormecido. O vinho dera-lhe sono, e soubera-lhe bem estender-se, um luxo que as correntes não lhe tinham permitido na cela. Jaime aprendera há muito a dormir na sela durante uma marcha. Aquilo não era mais difícil. *Tyrion vai morrer a rir quando souber como dormi durante a minha própria fuga.* Mas agora estava acordado, e as grilhetas eram penosas.

— Senhora — chamou —, se me tirásseis estas correntes, eu tomaria o vosso lugar a esses remos.

Ela voltou a carregar o sobrolho, com uma cara que era toda dentes de cavalo e suspeita carrancuda.

— Ireis usar as vossas correntes, Regicida.

— Tencionas remar até Porto Real, rapariga?

— Chamar-me-eis Brienne. E não *rapariga*.

— O meu nome é Sor Jaime. Não Regicida.

— Negais que matastes um rei?

— Não. Negas o teu sexo? Se assim for, desata essas bragas e mostra-me. — Dirigiu-lhe um sorriso inocente. — Pedir-te-ia para abrir o corpete, mas olhando para ti, julgo que isso não provaria grande coisa.

Sor Cleos mostrou-se insatisfeito.

— Primo, lembrai-vos da boa educação.

O sangue Lannister é fino nas veias deste. Cleos era filho da sua tia Genna e daquele cretino do Emmon Frey, que vivera aterrorizado pelo Lorde Tywin Lannister desde o dia em que casara com a sua irmã. Quando o Lorde Walder Frey trouxera as Gémeas para a guerra do lado de Correrrio, Sor Emmon escolhera as ligações da mulher em detrimento das do pai. *O Rochedo Casterly ficou prejudicado por esse negócio,* reflectiu Jaime. Sor Cleos parecia uma doninha, lutava como um ganso, e tinha a coragem de uma ovelha particularmente ousada. A Senhora Stark prometera-lhe a liberdade se entregasse a sua mensagem a Tyrion, e Sor Cleos jurara solenemente fazê-lo.

Tinham todos prestado uma boa dose de juramentos naquela cela, principalmente Jaime. Fora o preço que a Senhora Catelyn exigira por perdê-lo. Encostara a ponta da espada da rapariga grande ao coração de Jaime e dissera:

— Jurai que não voltareis a pegar em armas contra Stark ou Tully. Jurai que forçareis o vosso irmão a honrar a sua promessa de devolver as minhas filhas em segurança e incólumes. Jurai pela vossa honra como cavaleiro, pela vossa honra como Lannister, pela vossa honra como Irmão Ajuramentado da Guarda Real. Jurai pela vida da vossa irmã, e pela do vos-

so pai e do vosso filho, pelos deuses antigos e modernos, e eu enviar-vos-ei de volta à vossa irmã. Recusai, e far-vos-ei correr o sangue. — Lembrava-se do aço a picar através dos farrapos que usava quando ela torcera a ponta da espada.

Pergunto a mim próprio o que terá o Alto Septão a dizer quanto à santidade de juramentos prestados quando se está a cair de bêbado, acorrentado a uma parede e com uma espada encostada ao peito. Não que Jaime estivesse realmente preocupado com essa gorda fraude ou com os deuses que ele dizia servir. Lembrava-se do balde que a Senhora Catelyn derrubara com um pontapé na cela. Uma estranha mulher, para confiar as filhas a um homem que tinha merda no lugar da honra. Se bem que estivesse a confiar nele o mínimo que se atrevia. *Está a colocar as suas esperanças em Tyrion, não em mim.*

— Talvez ela não seja assim tão estúpida, afinal — disse em voz alta.

A sua captora compreendeu-o mal.

— Não sou estúpida. Nem surda.

Mostrou-se gentil para com ela. Troçar daquela mulher seria tão fácil que não traria qualquer divertimento.

— Estava a falar comigo, não contigo. É um hábito em que é fácil cair numa cela.

Ela olhou-o de sobrolho franzido, empurrando os remos para a frente, puxando-os para trás, empurrando-os para a frente, sem nada dizer.

Tão fluente de língua como é bela de rosto.

— Pela tua maneira de falar, julgar-te-ia de nascimento nobre.

— O meu pai é Selwyn de Tarth, pela graça dos deuses senhor do Entardecer. — Até aquilo foi dito de má vontade.

— Tarth — disse Jaime. — Um rochedo horripelmente grande no Mar Estreito, se bem me lembro. E o Entardecer está ajuramentado a Ponta Tempestade. Como é que serves Robb de Winterfell?

— Quem eu sirvo é a Senhora Catelyn. E ela ordenou-me que vos entregasse a salvo ao vosso irmão Tyrion em Porto Real, não que trocasse palavras convosco. Silenciai-vos.

— Já tive uma barrigada de silêncio, mulher.

— Então falai com Sor Cleos. Não tenho conversa para monstros.

Jaime soltou um grito.

— Há monstros por aqui? Escondidos debaixo de água, talvez? Naquele grupo de salgueiros? E eu sem a minha espada!

— Um homem capaz de violar a sua própria irmã, matar o seu rei e atirar uma criança inocente para a morte não merece outro nome.

Inocente? O maldito rapaz estava a espiar-nos. Tudo o que Jaime quisera fora uma hora a sós com Cersei. A viagem para norte fora um longo

tormento; vê-la todos os dias, sem ter a possibilidade de tocá-la, sabendo que Robert entrava aos tropeções de bêbado na sua cama todas as noites, naquela grande casa rolante que rangia por todos os lados. Tyrion fizera o que pudera para o manter de bom humor, mas não fora o bastante.

— Serás cortês no que toca a Cersei, rapariga — avisou-a.

— O meu nome é Brienne, não *rapariga*.

— Que te importa o que um monstro te chama?

— O meu nome é Brienne — repetiu, obstinada como um cão de caça.

— Senhora Brienne? — A rapariga fez uma expressão tão desconfortável que Jaime pressentiu um ponto fraco. — Ou seria *Sor Brienne* mais a teu gosto? — Soltou uma gargalhada. — Não, temo que não. Pode-se adornar uma vaca leiteira com retranca, crinete e testeira e albardá-la toda de seda, mas isso não quer dizer que se possa montá-la em batalha.

— Primo Jaime, por favor, não devíeis falar tão rudemente. — Sob o manto, Sor Cleos usava um sobretudo esquartelado com as torres gémeas da Casa Frey e o leão dourado de Lannister. — Temos um longo caminho a percorrer, não devíamos querelar entre nós.

— Quando querelo faço-o com uma espada, primo. Estava a falar com a senhora. Diz-me, rapariga, as mulheres de Tarth são todas tão rústicas como tu? Se assim for, sinto pena dos homens. Talvez não conheçam o aspecto de verdadeiras mulheres, vivendo numa montanha desolada no mar.

— Tarth é bela — resmungou a rapariga entre remadas. — Chamam-lhe a Ilha Safira. Ficai calado, monstro, a menos que queirais que vos amordace.

— Ela também é rude, não é, primo? — perguntou Jaime a Sor Cleos. — Se bem que tenha aço na espinha, admito. Não há muitos homens que se atrevam a chamar-me monstro na cara. — *Apesar de por trás das minhas costas falarem com bastante liberdade, não duvido.*

Sor Cleos tossiu nervosamente.

— A Senhora Brienne ouviu tais mentiras de Catelyn Stark, certamente. Os Stark não têm esperança de vos derrotar com espadas, sor, portanto agora fazem a guerra com palavras envenenadas.

Eles derrotaram-me com espadas, seu cretino sem queixo. Jaime fez um sorriso sabedor. Se se deixar, os homens lêem todo o tipo de coisas de um sorriso sabedor. *Terá o primo Cleos realmente engolido aquela panela de bosta, ou estará a tentar cair nas minhas boas graças? Que temos nós aqui, uma honesta cabeça oca ou um bajulador?*

Sor Cleos continuou jovialmente a tagarelar.

— Qualquer homem que acredite que um Irmão Ajuramentado da

Guarda Real seria capaz de fazer mal a uma criança não conhece o significado da honra.

Bajulador. Em boa verdade, Jaime tinha acabado por lamentar ter atirado Brandon Stark daquela janela. Depois daquilo, Cersei dera-lhe um sem-fim de recriminações, quando o rapaz se recusara a morrer.

— Ele tinha *sete anos*, Jaime — ralhara-lhe. — Mesmo se tivesse compreendido o que vira, devíamos ter sido capazes de o assustar o suficiente para que guardasse silêncio.

— Não pensei que quisesses...

— Tu *nunca* pensas. Se o rapaz acordar e contar ao pai o que viu...

— Se se se. — Puxara-a para o colo. — Se acordar, diremos que estava a sonhar, chamar-lhe-emos mentiroso, e se o pior acontecer, eu mato o Ned Stark.

— E nessa altura, o que imaginas que *Robert* fará?

— Robert que faça o que bem entender. Far-lhe-ei guerra, se tiver de ser. Os cantores chamar-lhe-ão a Guerra Pela Cona de Cersei.

— Jaime, larga-me! — enraivecera-se ela, lutando por se levantar.

Em vez disso, beijara-a. Por um momento, ela resistira, mas então a boca dela abria-se sob a sua. Lembrava-se do sabor a vinho e a cravinho da sua língua. Estremecera. Levava a mão ao corpete dela e puxara, rasgando a seda para que os seios se derramassem, livres, e durante algum tempo o rapaz Stark fora esquecido.

Ter-se-ia Cersei lembrado dele mais tarde e teria contratado aquele homem de que a Senhora Catelyn falara, para se assegurar de que o rapaz nunca acordasse? *Se o quisesse morto, ter-me-ia enviado a mim. E não é próprio dela escolher um homem que metesse os pés pelas mãos daquela maneira.*

A jusante do rio, o Sol nascente cintilava na superfície da água, varrida pelo vento. A margem sul era de barro vermelho, lisa como uma estrada. Rios mais pequenos alimentavam o maior, e os troncos em putrefacção de árvores afogadas aderiam às margens. A margem norte era mais selvagem. Grandes escarpas rochosas elevavam-se a seis metros acima deles, coroadas por grupos de faias, carvalhos e castanheiros. Jaime vislumbrou uma torre de vigia nas elevações, mais à frente, aumentando de tamanho a cada remada. Muito antes de passarem por ela, soube que se encontrava abandonada, com as pedras desgastadas cobertas por rosas trepadeiras.

Quando o vento mudou, Sor Cleos ajudou a grande rapariga a içar a vela, um triângulo de boa tela às riscas vermelhas e azuis. Cores Tully, que lhes causariam problemas certos se encontrassem alguma força Lannister no rio, mas era a única vela que possuíam. Brienne pegou na cana do leme. Jaime atirou à água a bolina de bordo, fazendo chocalhar as correntes ao

mover-se. Depois disso, a velocidade aumentou, passando a fuga a ser favorecida tanto pelo vento como pela corrente do rio.

— Podíamos poupar alguma viagem se me entregasses ao meu pai e não ao meu irmão — fez notar.

— As filhas da Senhora Catelyn estão em Porto Real. E eu ou regresso com as raparigas ou não regresso.

Jaime virou-se para Sor Cleos.

— Primo, emprestai-me a vossa faca.

— Não. — A mulher ficou tensa. — Não vos quero armado. — A voz era inflexível como pedra.

Ela teme-me, mesmo a ferros.

— Cleos, parece que terei de pedir-vos que me rapeis o cabelo. Deixai a barba, mas tirai-me o cabelo da cabeça.

— Quereis rapar o cabelo por completo? — perguntou Cleos Frey.

— O reino conhece Jaime Lannister como um cavaleiro sem barba e com um longo cabelo dourado. Um careca com uma barba amarela e porca pode passar despercebido. Prefiro não ser reconhecido enquanto estiver a ferros.

O punhal não estava tão afiado como seria desejável. Cleos cortou intrepidamente, abrindo caminho pelos nós do cabelo e atirando-o borda fora. Os caracóis dourados flutuaram à superfície da água, ficando gradualmente para trás. Enquanto o cabelo ia desaparecendo, um piolho arrastou-se-lhe pelo pescoço abaixo. Jaime apanhou-o e esmagou-o na unha. Sor Cleos tirou-lhe mais do couro cabeludo e atirou-os à água. Jaime mergulhou a cabeça no rio e obrigou Sor Cleos a amolar a lâmina antes de o deixar rapar os últimos dois centímetros de penugem amarela. Quando essa parte ficou feita, apararam-lhe também a barba.

O reflexo na água era de um homem que não conhecia. Não só era calvo, como também parecia que envelhecera cinco anos naquela masmorra; tinha a cara mais magra, com covas debaixo dos olhos e rugas de que não se lembrava. *Assim não me pareço muito com Cersei. Ela vai detestar isso.*

Por volta do meio-dia, Sor Cleos adormecera. Os seus roncos pareciam patos a acasalar. Jaime esticou-se para ver o mundo a passar; depois da cela escura, cada rochedo e árvore era uma maravilha.

Algumas choupanas de uma só divisão surgiram e desapareceram, empoleiradas no cimo de estacas altas que as faziam assemelhar-se a grous. Das pessoas que aí viviam não viram nem sinal. Aves voavam no alto, ou soltavam gritos das árvores que cresciam nas margens, e Jaime vislumbrou peixes prateados a cortar a água. *Truta Tully, aí está um mau presságio*, pensou, até ver outro pior — um dos troncos flutuantes por que passaram revelou ser um homem morto, exangue e inchado. O seu manto estava emaranha-

do nas raízes de uma árvore caída, e a cor era inconfundível: o carmim de Lannister. Perguntou a si próprio se o cadáver teria sido algum conhecido seu.

Os ramos do Tridente eram a forma mais simples de transportar bens e homens pelas terras fluviais. Em tempos de paz, teriam encontrado pescadores nos seus esquifes, barcaças de cereais a descer a corrente à vara, mercadores que vendiam agulhas e rolos de tecido de lojas flutuantes, talvez até um barco de pantomimeiros garridamente pintado, com velas de remendos de meia centena de cores, subindo o rio de aldeia em aldeia e de castelo em castelo.

Mas a guerra cobrara o seu preço. Passaram por aldeias mas não viram aldeões. Uma rede vazia, cortada, rasgada e pendurada num grupo de árvores, era o único sinal de pescadores. Uma jovem que dava de beber ao cavalo afastou-se assim que vislumbrou a vela deles. Mais tarde, passaram por uma dúzia de camponeses que escavavam à sombra do esqueleto de uma torre queimada. Os homens olharam-nos com olhos mortiços, e regressaram ao trabalho assim que decidiram que o esquife não constituía ameaça.

O Ramo Vermelho era largo e lento, um rio sinuoso de voltas e curvas, salpicado de minúsculas ilhotas arborizadas e frequentemente entupido por bancos de areia e obstáculos submersos que espreitavam logo abaixo da superfície da água. Mas Brienne parecia ter bom olho para os perigos, e parecia sempre encontrar o canal. Quando Jaime a elogiou pelo seu conhecimento do rio, ela olhou-o com suspeita e disse:

— Não conheço o rio. Tarth é uma ilha. Aprendi a manejar remos e velas antes de subir para cima de um cavalo.

Sor Cleos sentou-se e esfregou os olhos.

— Deuses, tenho os braços doridos. Espero que o vento dure. — Fajou-o. — Cheira-me a chuva.

Jaime acolheria com agrado uma boa chuvada. As masmorras de Correrrio não eram o sítio mais limpo dos Sete Reinos. Devia cheirar como um queijo maduro de mais.

Cleos semicerrou os olhos para jusante.

— Fumo.

Um fino dedo cinzento chamava-os, mais à frente. Erguia-se da margem sul, a várias milhas de distância, retorcendo-se e enrolando-se. Por baixo, Jaime distinguiu os restos fumegantes de um grande edifício, e um carvalho vivo cheio de mulheres mortas.

Os corvos quase ainda não tinham começado a atacar os cadáveres. As cordas finas abriam sulcos profundos na pele suave das suas gargantas, e quando o vento soprava, viravam-se e oscilavam.

— Isto não foi cavalheiresco — disse Brienne quando se aproximaram o suficiente para ver com clareza. — Nenhum verdadeiro cavaleiro perdoaria uma tal cruel carnificina.

— Os verdadeiros cavaleiros vêem coisas piores sempre que partem para a guerra, rapariga — disse Jaime. — E, sim, *fazem* coisas piores.

Brienne virou o leme para a margem.

— Não deixarei inocentes como comida para corvos.

— Uma rapariga sem coração. Os corvos também precisam de comer. Fica no rio e deixa os mortos em paz, mulher.

Acostaram a montante do local onde o grande carvalho se inclinava sobre a água. Enquanto Brienne baixava a vela, Jaime trepou para terra, desajeitado devido às correntes. O Ramo Vermelho encheu-lhe as botas e empapou-lhe as bragas esfarrapadas. Rindo, caiu de joelhos, mergulhou a cabeça na água e ergueu-se, ensopado e a pingar. Tinha as mãos cheias de sujidade seca, e depois de as esfregar na corrente, pareceram-lhe mais magras e mais pálidas do que as recordava. Sentiu também as pernas perras e pouco firmes quando apoiou nelas o seu peso. *Passei tempo a mais na maldita masmorra de Hoster Tully.*

Brienne e Cleos arrastaram o esquife para a margem. Os cadáveres pendiam sobre as suas cabeças, amadurecendo na morte como frutos fétidos.

— Um de nós terá de cortar aquelas cordas — disse a rapariga.

— Eu trepo. — Jaime subiu para terra, a tinir. — Basta que me tires estas correntes.

A rapariga estava a fitar uma das mortas. Jaime aproximou-se com os seus passinhos hesitantes, o único tipo de passo que a corrente permitia. Quando viu a tosca tabuleta pendurada do pescoço do cadáver mais alto, sorriu.

— *Deitaram-se Com Leões* — leu. — Oh, sim, mulher, isto foi muito pouco *cavalheiresco*... mas foi feito pelo vosso lado e não pelo meu. Pergunto a mim próprio quem seriam estas mulheres.

— Raparigas de taberna — disse Sor Cleos Frey. — Isto era uma estalagem, recordo agora. Alguns dos homens da minha escolta passaram aqui a noite quando regressámos a Correrrio. — Nada restava do edifício além das fundações de pedra e de um emaranhado de vigas caídas e negras de carvão. Ainda saía fumo das cinzas.

Jaime deixava os bordéis e as prostitutas para o irmão Tyrion. Cersei era a única mulher que alguma vez desejara.

— As raparigas deram prazer a alguns dos soldados do senhor meu pai, ao que parece. Talvez lhes tenham servido comida e bebida. Foi assim que ganharam os seus colares de traidoras, com um beijo e um copo de

cerveja. — Olhou de relance para montante e para jusante do rio, para se certificar de que estavam sós. — Isto é terra Bracken. O Lorde Jonos pode ter ordenado a sua morte. O meu pai queimou-lhe o castelo, temo que não goste de nós.

— Pode ser obra de Marq Piper — disse Sor Cleos. — Ou do fogaréu dos bosques, Beric Dondarrion, muito embora eu tenha ouvido dizer que ele só mata soldados. Talvez um bando de nortenhos de Roose Bolton?

— Bolton foi derrotado pelo meu pai no Ramo Verde.

— Derrotado mas não destruído — disse Sor Cleos. — Voltou a descer para sul quando o Lorde Tywin se pôs em marcha contra os vaus. Segundo se dizia em Correrrio, tomou Harrenhal a Sor Amory Lorch.

Jaime não gostou nem um pouco daquilo.

— Brienne — disse, concedendo-lhe a cortesia do nome na esperança de a fazer escutá-lo —, se o Lorde Bolton detém Harrenhal, tanto o Tridente como a Estrada de Rei estão provavelmente vigiados.

Pensou ver um toque de incerteza nos grandes olhos azuis da rapariga.

— Estais sob a minha protecção. Teriam de me matar.

— Não me parece que isso lhes causasse engulhos.

— Sou tão boa lutadora como vós — disse ela em tom defensivo. — Era um dos sete escolhidos do Rei Renly. Com as suas próprias mãos me prendeu o manto de seda listada da Guarda Arco-Íris.

— A Guarda *Arco-Íris*? Eras tu e mais seis raparigas, não? Um cantor disse um dia que todas as donzelas são belas vestidas de seda... mas nunca te viu, pois não?

A mulher ficou vermelha.

— Temos sepulturas a cavar. — E subiu à árvore.

Os ramos mais baixos do carvalho eram suficientemente grandes para ela caminhar por eles, uma vez trepado o tronco. Deslocou-se por entre as folhas, de punhal em punho, cortando as cordas de que os cadáveres pendiam. Moscas esvoaçavam em torno dos corpos quando caíam, e o fedor foi piorando à medida que o trabalho avançava.

— Isto é uma grande trabalhadeira por causa de prostitutas — queixou-se Sor Cleos. — Com o que é suposto cavarmos? Não temos pás, e eu não usarei a espada, não...

Brienne soltou um grito. Saltou para o chão em vez de descer pelo tronco.

— Para o barco. Depressa. Uma vela.

Apressaram-se o mais que puderam, embora Jaime quase não conseguisse correr e tivesse de ser puxado para dentro do esquife pelo primo. Brienne empurrou o barco para a água com um remo e içou apressadamente a vela.

— Sor Cleos, vou precisar de que remeis também.

Ele fez o que lhe era pedido. O esquife começou a cortar as águas um pouco mais depressa; corrente, vento e remos, todos trabalhavam a seu favor. Jaime ficou sentado, acorrentado, a espreitar para montante. Só o topo da outra vela se encontrava visível. Devido ao modo como o Ramo Vermelho se contorcia, parecia encontrar-se do outro lado do campo, movendo-se para norte por trás de um biombo feito de árvores enquanto eles se deslocavam para sul, mas Jaime sabia que a aparência era enganadora. Ergueu ambas as mãos para proteger os olhos do Sol.

— Vermelho de lama e azul de água — anunciou.

A grande boca de Brienne movia-se sem som, dando-lhe o aspecto de uma vaca a ruminar.

— Mais depressa, sor.

A estalagem desapareceu rapidamente atrás deles, e também perderam de vista o topo da vela, mas isso não queria dizer nada. Assim que os perseguidores fizessem a curva, tornar-se-iam de novo visíveis.

— Suponho que podemos ter esperança de que os nobres Tully parem para enterrar as rameiras mortas. — A ideia de regressar à sua cela não entusiasmava Jaime. *Tyrion poderia pensar agora em qualquer coisa inteligente, mas tudo o que me ocorre é atacá-los com uma espada.*

Durante quase uma hora jogaram às escondidas com os perseguidores, navegando pelas curvas do rio e por entre pequenas ilhas arborizadas. Precisamente no momento em que começavam a ganhar a esperança de que de algum modo tivessem deixado para trás aqueles que seguiam no seu encalço, eis que a vela distante se tornou de novo visível. Sor Cleos fez uma pausa nas remadas.

— Que os Outros os levem. — E limpou o suor da testa.

— Remai! — disse Brienne.

— Aquilo que vem atrás de nós é uma galé de rio — anunciou Jaime depois de a observar durante algum tempo. A cada remada parecia crescer um pouco mais. — Nove remos de cada lado, o que significa dezoito homens. Mais, se embarcaram soldados além dos remadores. E velas maiores do que as nossas. Não é possível fugir-lhes.

Sor Cleos imobilizou-se aos remos.

— Dissestes dezoito?

— Seis para cada um de nós. Eu pediria oito, mas estas pulseiras entavam-me um pouco. — Jaime ergueu os pulsos. — A menos que a Senhora Brienne tenha a gentileza de me soltar?

Ela ignorou-o, colocando todos os seus esforços na remada.

— Tínhamos meia noite de avanço sobre eles — disse Jaime. — Têm vindo a remar desde a alvorada, descansando dois remos de cada vez. De-

vem estar exaustos. Verem agora a nossa vela renovou-lhes as forças, mas isso não durará. Devemos ser capazes de matar bastantes.

A boca de Sor Cleos abriu-se.

— Mas... eles são *dezoito*.

— Pelo menos. O mais certo é serem vinte ou vinte e cinco.

O primo gemeu.

— Não podemos esperar derrotar dezoito homens.

— E eu disse que podíamos? O melhor que podemos esperar é morrer de espada na mão. — Estava a ser completamente sincero. Jaime Lannister nunca tivera medo da morte.

Brienne parou de remar. O suor colara-lhe à testa madeixas do seu cabelo cor de linho, e o seu esgar fazia-a parecer mais rústica do que nunca.

— Estais sob a minha protecção — disse, com a voz tão carregada de ira que era quase um rosnido.

Ele não conseguiu evitar rir-se de tanta ferocidade. *Ela é o Cão de Caça com mamas*, pensou. *Ou seria, se tivesse mamas que se vissem*.

— Então protege-me, rapariga. Ou liberta-me para que me proteja a mim próprio.

A galé pairava pelo rio abaixo, como uma grande libélula de madeira. A água em seu redor estava transformada em espuma branca pelos furiosos movimentos dos seus remos. Estava a aproximar-se visivelmente, e os homens no convés aglomeravam-se à vante. Metal cintilava nas suas mãos, e Jaime via também arcos. *Arqueiros*. Detestava arqueiros.

À proa da galé encontrava-se um homem entroncado com uma cabeça calva, espessas sobranceiras grisalhas e braços musculosos. Sobre a cota de malha usava um sobretudo branco sujo com um salgueiro chorão bordado em verde-claro, mas o manto estava preso por uma truta prateada. *O capitão dos guardas de Correrrio*. No seu tempo, Sor Robin Ryger fora um lutador notavelmente tenaz, mas o seu tempo tinha passado; tinha a mesma idade de Hoster Tully, e envelhecera com o seu senhor.

Quando os barcos se aproximaram a cinquenta metros um do outro, Jaime pôs as mãos em concha em redor da boca e gritou por sobre a água.

— *Viestes desejar-me boa viagem, Sor Robin?*

— *Vim levar-vos de volta, Regicida* — berrou Sor Robin Ryger. — *Como foi que perdestes o vosso cabelo dourado?*

— *Espero cegar os inimigos com o brilho da cabeça. Funcionou bastante bem convosco.*

Sor Robin não sorriu. A distância entre esquife e galé encolhera para quarenta metros.

— *Atirai ao rio os remos e as armas, e ninguém precisa de se magoar.*

Sor Cleos virou-se.

— Jaime, dizei-lhe que fomos libertados pela Senhora Catelyn... uma troca de cativos, legítima...

Jaime disse-lhe, por descargo de consciência.

— *A Senhora Catelyn não governa em Correrrio* — gritou Sor Robin de volta. Quatro arqueiros apertaram-se de ambos os lados do velho cavaleiro, dois ajoelhados e dois em pé. — *Arremessai as espadas à água.*

— *Não tenho espada* — retorquiu — *mas se tivesse, espetá-la-ia na vossa barriga e cortaria os tomates a esses quatro cobardes.*

A resposta foi um grupo de setas. Uma espetou-se no mastro, duas perfuraram a vela e a quarta falhou Jaime por trinta centímetros.

Outra das grandes voltas do Ramo Vermelho aproximou-se à frente deles. Brienne atravessou-a em ângulo, a verga girou quando viraram e a vela estalou ao encher-se de vento. À frente, uma grande ilha estendia-se a meio da corrente. O canal principal fluía pela direita. À esquerda, um rápido recente corria entre a ilha e as escarpas elevadas da margem norte. Brienne moveu a cana do leme e o esquife cortou para a esquerda, com a vela a ondular. Jaime observou-lhe os olhos. *Olhos bonitos*, pensou, *e calmos*. Sabia ler os olhos de um homem. Sabia qual o aspecto do medo. *Ela está determinada, não desesperada.*

Trinta metros para trás, a galé estava a entrar na curva.

— Sor Cleos, tomai o leme — ordenou a rapariga. — Regicida, pegai num remo e mantende-nos afastados das rochas.

— Às ordens da minha senhora. — Um remo não era uma espada, mas a pá podia quebrar a cara a um homem, se bem brandida, e o cabo podia ser usado para parar estocadas.

Sor Cleos enfiou o remo na mão de Jaime e gatinhou até à ré. Passaram pela ponta da ilha e entraram no rápido com uma curva apertada, atirando uma onda contra a escarpa enquanto o barco se inclinava. A ilha era densamente arborizada, um emaranhado de salgueiros, carvalhos e grandes pinheiros que lançavam profundas sombras sobre a água, escondendo rochas e os troncos apodrecidos de árvores afogadas. À esquerda, a falésia erguia-se abrupta e rochosa, e no sopé, o rio espumava, branco, em volta de pedregulhos quebrados e montes de rochas caídas da face da escarpa.

Passaram do sol para a sombra, escondidos da vista da galé pela muralha verde das árvores e pela escarpa rochosa cinzenta-acastanhada. *Alguns momentos de alívio das setas*, pensou Jaime, afastando-os de um pedregulho meio submerso.

O esquife baloiçou. Ouviu uma suave pancada na água e quando olhou em volta Brienne tinha desaparecido. Um momento mais tarde

voltou a vê-la, içando-se de dentro de água na base da escarpa. Atravessou um charco pouco profundo, trepou algumas rochas e começou a escalar. Sor Cleos arregalava os olhos, de boca aberta. *Idiota*, pensou Jaime.

— Ignorei a rapariga — exclamou para o primo. — Guiai o barco.

Já viam a vela a mover-se atrás das árvores. A galé de rio surgiu à vista no topo do rápido, vinte e cinco metros atrás deles. A sua proa baloiçou violentamente quando ela virou, e meia dúzia de flechas levantaram voo, mas passaram todas bastante longe. Os movimentos dos dois barcos estavam a causar dificuldades aos arqueiros, mas Jaime sabia que aprenderiam a compensar dentro de pouco tempo. Brienne encontrava-se a meio da escarpa, içando-se de apoio em apoio. *Ryger vê-la-á com certeza, e assim que o faça, ordenará àqueles arqueiros que a abatam*. Jaime decidiu verificar se o orgulho do velho o tornava estúpido.

— *Sor Robin* — gritou —, *escutai-me por um momento*.

Sor Robin ergueu uma mão e os arqueiros baixaram os arcos.

— *Dizei o que quiserdes, Regicida, mas dizei depressa*.

O esquife baloiçou por entre uma confusão de pedras quebradas enquanto Jaime gritava:

— *Conheço uma maneira melhor de arrumar este assunto... combate singular. Vós e eu*.

— *Não nasci esta manhã, Lannister*.

— *Não, mas é provável que morrais esta tarde*. — Jaime ergueu as mãos para que o outro pudesse ver as grillhetas. — *Lutarei convosco acorrentado. Que tendes a temer?*

— *Vós não, sor. Se a escolha fosse minha, nada me agradaria mais, mas foi-me ordenado que vos levasse de volta vivo se possível. Arqueiros*. — Fez-lhes sinal para avançar. — *Encaixar. Puxar. Largar...*

A distância era inferior a vinte metros. Os arqueiros dificilmente teriam falhado, mas no momento em que puxavam os arcos uma cascata de seixos choveu à sua volta. Pequenas pedras matraquearam no convés, ricochetearam nos seus elmos, e mergulharam na água, de ambos os lados da proa. Os que tinham esperteza suficiente para compreender ergueram os olhos no preciso instante em que um pedregulho do tamanho de uma vaca se desprendia do topo da escarpa. Sor Robin gritou, consternado. O pedregulho girou no ar, atingiu a face da falésia, partiu-se em dois e esmagou-se sobre eles. O bocado maior quebrou o mastro, atravessou a vela, atirou dois dos arqueiros ao rio e esmagou a perna de um remador no momento em que ele se dobrava sobre o remo. A rapidez com que a galé se começou a encher de água sugeria que o fragmento mais pequeno tinha atravessado o casco. Os gritos dos remadores ecoaram na escarpa enquanto os arqueiros esbracejavam violentamente na corrente. Ajuizando pelo modo como cha-

pinhavam na água, nem uns nem outros sabiam nadar. Jaime soltou uma gargalhada.

Quando emergiram do rápido, a galé afundava-se por entre charcos, remoinhos e obstáculos submersos, e Jaime Lannister decidira que os deuses eram bons. Sor Robin e os seus triplamente malditos arqueiros teriam uma longa caminhada molhada de regresso a Correrrio, e também se tinha visto livre da grande rapariga rústica. *Eu próprio não poderia ter planeado isto melhor. Assim que me livre destes ferros...*

Sor Cleos soltou um grito. Quando Jaime olhou para cima, Brienne deslocava-se pelo topo da escarpa bem à frente deles, depois de cortar por um istmo enquanto o barco seguia a curva do rio. Atirou-se do rochedo, e pareceu quase graciosa enquanto girava para um mergulho. Teria sido des-cortês ter esperança de que ela esmagasse a cabeça numa pedra. Sor Cleos virou o esquife na sua direcção. Felizmente, Jaime ainda tinha o remo. *Uma boa cacetada quando ela chapinhar para dentro do barco, e fico livre dela.*

Mas em vez disso deu por si a estender o remo por cima da água. Brienne agarrou-se-lhe e Jaime puxou-a para dentro. Enquanto a ajudava a subir para o esquife, água escorreu-lhe do cabelo e pingou das suas roupas empapadas, fazendo uma poça no convés. *Ainda é mais feia molhada. Quem o julgaria possível?*

— És uma rapariga estúpida como o raio — disse-lhe. — Podíamos ter continuado sem ti. Suponho que esperas que te agradeça?

— Não quero nenhum agradecimento vosso, Regicida. Prestei o juramento de vos levar a salvo até Porto Real.

— E pretendes mesmo mantê-lo? — Jaime concedeu-lhe o mais resplandecente dos seus sorrisos. — Isso é que é uma maravilha.

CATELYN

Sor Desmond Grell servira a Casa Tully toda a sua vida. Era escudeiro quando Catelyn nascera, cavaleiro quando aprendera a andar, a montar a cavalo e a nadar, mestre-de-armas no dia em que casara. Vira a pequena Cat do Lorde Hoster transformar-se numa jovem, na senhora de um grande lorde, na mãe de um rei. *E agora viu-me também tornada traidora.*

O irmão de Catelyn, Edmure, nomeara Sor Desmond castelão de Correrrio quando partira para a batalha, por isso coube-lhe a ele lidar com o seu crime. A fim de aliviar o seu desconforto, trouxe consigo o intendente do pai, o severo Utherydes Wayn. Os dois homens pararam e fitaram-na; Sor Desmond corpulento, corado, embaraçado, Utherydes grave, lúgubre, melancólico. Cada um esperava que o outro falasse. *Deram as suas vidas ao serviço do meu pai, e eu paguei-lhes com a desonra*, pensou fatigadamente Catelyn.

— Os vossos filhos — disse por fim Sor Desmond. — O Mestre Vyman contou-nos. Pobres rapazes. Terrível. Terrível. Mas...

— Partilhamos a vossa dor, senhora — disse Utherydes Wayn. — Todo o Correrrio sofre convosco, mas...

— A notícia deve ter-vos enlouquecido — interrompeu Sor Desmond —, uma loucura de desgosto, uma loucura de *mãe*, os homens compreenderão. Não sabíeis...

— Sabia — disse firmemente Catelyn. — Compreendia o que estava a fazer e sabia que era traiçoeiro. Se não me punirdes, os homens pensarão que conspirámos para libertar Jaime Lannister. O acto foi meu e apenas meu, e só eu devo responder por ele. Coloquei-me os ferros vazios do Regicida, e usá-los-ei com orgulho, se for assim que tiver de ser.

— Grilhetas? — A própria palavra pareceu chocar o pobre Sor Desmond. — Para a mãe do rei, e filha do meu senhor? Impossível.

— Talvez — disse o intendente Utherydes Wayn — a senhora consentisse em ficar confinada aos seus aposentos até ao regresso de Sor Edmure. Passar algum tempo só, para rezar pelos filhos assassinados?

— Sim, confinada — disse Sor Desmond. — Confinada a uma cela na torre, isso chegará.

— Se tenho de ficar confinada, que seja nos aposentos do meu pai, para que possa confortá-lo nos seus últimos dias.

Sor Desmond reflectiu por um momento.

— Muito bem. Não vos faltará conforto ou respeito, mas ser-vos-á negada a liberdade de castelo. Visitai o septo se necessitardes, mas fora isso permaneci nos aposentos de Lorde Hoster até que o Lorde Edmure regressasse.

— Às vossas ordens. — O irmão não era lorde algum enquanto o pai visse, mas Catelyn não o corrigiu. — Colocai um guarda a vigiar-me se for necessário, mas comprometo-me a não tentar fugir.

Sor Desmond assentiu, claramente contente por despachar aquela desagradável tarefa, mas Utherydes Wayn deixou-se ficar por um momento, de olhos tristes, depois de o castelão se ter retirado.

— O que fizestes foi grave, senhora, mas não serviu de nada. Sor Desmond enviou Sor Robin Ryger atrás deles, para trazer de volta o Regicida... ou, caso não seja possível, a sua cabeça.

Catelyn não esperara outra coisa. *Que o Guerreiro dê força ao teu braço da espada, Brienne*, rezou. Tinha feito tudo o que podia; nada restava a não ser ter esperança.

As suas coisas foram mudadas para o quarto do pai, dominado pela grande cama de dossel em que Catelyn nascera, com as colunas esculpidas em forma de trutas a saltar. O pai fora mudado para meia volta de escada mais abaixo, e a sua cama de doente fora colocada de frente para a varanda triangular de onde podia ver os rios que sempre amara tanto.

O Lorde Hoster dormia quando Catelyn entrou. Saiu para a varanda e pousou uma mão na áspera balaustrada de pedra. Para lá do ponto onde se erguia o castelo, o rápido Pedregoso juntava-se ao plácido Ramo Vermelho, e via-se um longo trecho de rio para jusante. *Se uma vela listada chegar de leste, será Sor Robin a regressar*. De momento, a superfície das águas encontrava-se vazia. Agradeceu aos deuses por isso, e voltou para dentro, para se sentar com o pai.

Catelyn não saberia dizer se o Lorde Hoster sabia que ela se encontrava ali, ou se a sua presença lhe trazia algum conforto, mas sentia-se consolada por estar com ele. *Que diríeis se soubésseis do meu crime, pai?*, interrogou-se. *Teríeis feito o que eu fiz se fosse Lysa e eu a estarmos nas mãos dos nossos inimigos? Ou também me condenaríeis, chamando ao acto loucura de mãe?*

Havia um cheiro a morte no quarto; um cheiro pesado, doce e desagradável, que se agarrava às coisas. Fazia-a lembrar-se dos filhos que perdera, do seu querido Bran e do pequeno Rickon, mortos às mãos de Theon Greyjoy, que fora protegido de Ned. Ainda sofria por Ned, sofreria sempre por Ned, mas serem-lhe roubados também os seus bebés...

— Perder um filho é uma monstruosa crueldade — sussurrou suavemente, mais para si do que para o pai.

Os olhos de Lorde Hoster abriram-se.

— *Tansy* — rouquejou, numa voz espessa de dor.

Ele não me reconhece. Catelyn já se acostumara a que ele a confundisse com a mãe ou a irmã Lysa, mas Tansy era um nome que lhe era estranho.

— É a Catelyn — disse. — É a Cat, pai.

— Perdoa-me... o sangue... oh, por favor... Tansy...

Teria havido outra mulher na vida do pai? Talvez alguma donzela de aldeia que seduzira quando jovem? *Poderá ele ter achado conforto nos braços dalguma rapariga de servir depois de a mãe morrer?* Era um pensamento estranho, perturbador. De súbito sentiu-se como se não conhecesse o pai de todo.

— Quem é Tansy, senhor? Quereis que a mande chamar, pai? Onde encontrarei a mulher? Ainda é viva?

O Lorde Hoster gemeu.

— *Morta.* — A mão dele procurou a sua aos apalpões. — Terás outros... bebés amorosos, e legítimos.

Outros?, pensou Catelyn. *Ter-se-á esquecido de que Ned está morto? Ainda está a falar com Tansy, ou fala agora comigo, com a Lysa ou com a mãe?*

Quando ele tossiu, a expectoração veio ensanguentada. Agarrou-lhe os dedos.

— ... sê uma boa esposa e os deuses abençoar-te-ão... filhos... filhos legítimos... *aaahhh.* — O súbito espasmo de dor fez com que a mão de Lorde Hoster se apertasse. As unhas enterraram-se na mão dela, e ele soltou um grito abafado.

O Mestre Vyman chegou depressa, para misturar outra dose de leite da papoila e ajudar o seu senhor a engoli-la. Pouco depois, o Lorde Hoster Tully voltava a cair num sono pesado.

— Ele estava a perguntar por uma mulher — disse Cat. — Tansy.

— Tansy? — O Mestre olhou-a sem expressão.

— Não conheceis ninguém com esse nome? Uma criada, uma mulher de alguma aldeia próxima? Talvez alguém de há anos? — Catelyn passara muito tempo afastada de Correrrio.

— Não, senhora. Posso investigar, se quiserdes. Utherydes Wayn certamente saberá se uma pessoa assim alguma vez serviu em Correrrio. É Tansy, dizeis? O povo dá frequentemente o nome de ervas e flores às filhas¹. — O Mestre fez uma expressão pensativa. — Houve uma viúva, ao que me lembro, que costumava vir ao castelo em busca de sapatos velhos com necessidade de solas novas. O nome dela era Tansy, agora que penso nisso. Ou seria Pansy? Algo assim. Mas há muitos anos que não vem.

¹ “Tansy” significa “tanásia” (N. do T.).

— O nome dela era Violet — disse Catelyn, que se lembrava muito bem da velha.

— Era? — O Mestre fez uma expressão de desculpa. — Os meus perdões, Senhora Catelyn, mas não posso ficar. Sor Desmond decretou que só devemos falar convosco no âmbito dos nossos deveres.

— Então deveis fazer o que ele ordena. — Catelyn não podia culpar Sor Desmond, dera-lhe poucas razões para confiar nela, e o homem sem dúvida temia que ela pudesse usar a lealdade que muitos dos habitantes de Correrrio ainda nutriam pela filha do seu senhor para fazer mais algum estrago. *Pelo menos estou livre da guerra*, disse a si própria, *mesmo que por pouco tempo*.

Depois de o Mestre partir, vestiu um manto de lã e voltou a sair para a varanda. A luz do Sol cintilava nos rios, dourando a superfície das águas que passavam a rodopiar pelo castelo. Catelyn defendeu os olhos do clarão, em busca de uma vela distante, temendo vê-la. Mas nada havia, e esse nada queria dizer que as suas esperanças ainda se mantinham vivas.

Passou o dia inteiro a vigiar o rio, e também boa parte da noite, até lhe doerem as pernas de estar em pé. Um corvo chegou ao castelo ao fim da tarde, descendo para a colónia em grandes asas negras. *Asas escuras, palavras escuras*, pensou, lembrando-se da última ave que chegara e do horror que trouxera.

O Mestre Vyman regressou ao cair da noite para administrar os remédios ao Lorde Tully e trazer a Catelyn um modesto jantar de pão, queijo, e carne de vaca cozida com rábano picante.

— Falei com Utherydes Wayn, senhora. Ele está bastante seguro de que nenhuma mulher chamada Tansy esteve em Correrrio desde que está ao serviço.

— Vi que chegou hoje um corvo. Jaime foi recapturado? — *Ou morto, que os deuses não o permitam?*

— Não, senhora, não recebemos notícias do Regicida.

— Então é outra batalha? Edmure está em dificuldades? Ou Robb? Por favor, sede gentil, ponde em descanso os meus receios.

— Senhora, eu não devia... — Vyman olhou em volta, como que para se certificar de que não estava mais ninguém no quarto. — O Lorde Tywin abandonou as terras fluviais. Tudo está sossegado nos vaus.

— De onde veio então o corvo?

— Do Oeste — respondeu ele, atarefando-se com a roupa de cama de Lorde Hoster e evitando os olhos de Catelyn.

— Eram notícias de Robb?

Ele hesitou.

— Sim, senhora.

— Há algo de errado. — Soube-o pelos seus modos. O homem estava a esconder-lhe algo. — Dizei-me. É Robb? Ele está ferido? — *Morto não, deuses sede bons, por favor não me digais que ele está morto.*

— Sua Graça foi ferido no assalto ao Despenhadeiro — disse o Mestre Vyman, ainda evasivo — mas escreve que não é motivo de preocupações, e que espera regressar em breve.

— Um ferimento? Que tipo de ferimento? Com que gravidade?

— Não é motivo de preocupações, escreve ele.

— Todos os ferimentos me preocupam. Ele está a ser tratado?

— Estou certo de que sim. O Mestre no Despenhadeiro cuidará dele, não tenho dúvidas.

— Onde foi ferido?

— Senhora, foi-me ordenado que não falasse convosco. Lamento. — Recolhendo as suas poções, Vyman saiu apressadamente, e Catelyn foi uma vez mais deixada só com o pai. O leite da papoila cumprira a sua função, e o Lorde Hoster encontrava-se mergulhado num sono pesado. Um fino fio de saliva escorria-lhe de um canto da boca aberta e ia humedecer a almofada. Catelyn pegou num quadrado de linho e limpou-o com suavidade. Quando lhe tocou, o Lorde Hoster gemeu.

— Perdoa-me — disse, numa voz tão baixa que Catelyn quase não conseguiu ouvir as palavras. — Tansy... sangue... o sangue... deuses, sede bons...

Aquelas palavras perturbaram-na mais do que podia expressar, embora não conseguisse dar-lhes sentido. *Sangue*, pensou. *Terá tudo de acabar em sangue? Pai, quem era essa mulher, e que lhe haveis feito que exija tanto perdão?*

Nessa noite, Catelyn dormiu aos bocados, assombrada por sonhos sem estrutura sobre os filhos, os perdidos e os mortos. Muito antes do romper do dia, acordou com as palavras do pai a ecoar nos ouvidos. *Bebés amorosos, e legítimos... porque diria aquilo, a não ser... será possível que tenha gerado um bastardo com esta mulher, Tansy?* Não podia acreditar. O irmão Edmure, sim; não a surpreenderia saber que Edmure tinha uma dúzia de filhos ilegítimos. Mas o pai não, o Lorde Hoster Tully não, nunca.

Poderá Tansy ser algum nome carinhoso que tenha dado a Lysa, da mesma forma que me chamava Cat? O Lorde Hoster já antes a confundira com a irmã. *Terás outros, disse ele. Bebés amorosos, e legítimos.* Lysa abortara cinco vezes, duas no Ninho de Águia, três em Porto Real... mas nunca em Correrio, onde o Lorde Hoster estaria à mão para a confortar. *Nunca, a não ser... a não ser que esperasse uma criança, daquela primeira vez...*

Ela e a irmã tinham casado no mesmo dia e tinham sido deixadas ao cuidado do pai quando os novos esposos partiram para se voltarem a juntar

à rebelião de Robert. Mais tarde, quando o seu sangue de lua não chegou na altura do costume, Lysa tagarelara alegremente sobre os filhos que estava certa de que ambas esperavam.

— O teu filho será herdeiro de Winterfell e o meu do Ninho de Águia. Oh, serão os melhores amigos, como o teu Ned e o Lorde Robert. Serão mais irmãos do que primos, verdade, eu sei que sim. — *Estava tão feliz.*

Mas o sangue de Lysa chegara não muito mais tarde, e toda a alegria a abandonara. Catelyn sempre pensara que Lysa estivera simplesmente um pouco atrasada, mas se *tivesse* estado grávida...

Recordou a primeira vez que entregara Robb para a irmã segurar; pequeno, corado e numa grande chiadeira, mas já então forte, cheio de vida. Bastara a Catelyn pousar o bebé nas mãos da irmã para a cara de Lysa se dissolver em lágrimas. Devolvera apressadamente o bebé a Catelyn e fugira.

Se tivesse perdido um filho antes, isso poderia explicar as palavras do pai, e muitas outras coisas... O casamento de Lysa com o Lorde Arryn fora arranjado à pressa, e já então Jon era um velho, mais velho do que o pai de ambas. Um velho sem um herdeiro. As suas duas primeiras esposas tinham-no deixado sem filhos, o filho do irmão fora assassinado com Brandon Stark em Porto Real, o seu galante primo morrera na Batalha dos Sinos. Precisava de uma esposa jovem para a Casa Arryn perdurar... *uma esposa jovem que se soubesse que era fértil.*

Catelyn pôs-se em pé, vestiu um roupão e desceu os degraus até ao aposento privado escurecido, parando junto ao pai. Uma sensação de terror impotente encheu-a.

— Pai — disse —, pai, sei o que fizestes. — Já não era uma noiva inocente com a cabeça cheia de sonhos. Era uma viúva, uma traidora, uma mãe de luto, e conhecedora, sabedora dos costumes do mundo. — Obrigaste-lo a aceitá-la — sussurrou. — Lysa foi o preço que Jon Arryn teve de pagar pelas espadas e lanças da Casa Tully.

Pouco admirava que o casamento da irmã tivesse sido tão desprovido de amor. Os Arryn eram orgulhosos, e susceptíveis no que concernia à honra. O Lorde Jon podia casar-se com Lysa para unir os Tully à causa da rebelião, e na esperança de um filho, mas ter-lhe-ia sido difícil amar uma mulher que chegara à sua cama conspurcada e de má vontade. Teria sido atencioso, sem dúvida, cumpridor, sim; mas Lysa precisava de calor.

No dia seguinte, enquanto quebrava o jejum, Catelyn pediu uma pena e papel e começou uma carta para enviar à irmã, no Vale de Arryn. Contou a Lysa sobre Bran e Rickon, lutando com as palavras, mas escreveu principalmente sobre o pai. *Todos os seus pensamentos estão no mal que te fez, agora que os seus dias se encurtam. O Mestre Vyman diz que não se atreve a fazer*

o leite da papoila mais forte. É tempo de o pai pousar a espada e o escudo. É tempo para ele descansar. Mas continua a lutar, desesperadamente, não quer ceder. É por ti, penso eu. Precisa do teu perdão. A guerra tornou perigosa a estrada entre o Ninho de Águia e Correrrio, eu sei, mas decerto que uma poderosa força de cavaleiros seria capaz de te trazer em segurança através das Montanhas da Lua? Uma centena de homens, ou um milhar? E se não puderes vir, não queres pelo menos escrever-lhe? Algumas palavras de amor, para que possa morrer em paz? Escreve o que quiseres, e eu ler-lhe-ei a carta, aliviando-lhe o percurso.

Já quando punha a pena de parte e pedia cera para selar a carta, Catelyn sentia que ela era provavelmente insuficiente e tardia. O Mestre Vyman não acreditava que o Lorde Hoster resistisse tempo bastante para que um corvo chegasse ao Ninho de Águia e regressasse. *Se bem que ele já antes tenha dito algo de muito semelhante...* Os homens Tully não se rendiam facilmente, fossem quais fossem as probabilidades. Depois de confiar o pergaminho aos cuidados do Mestre, Catelyn dirigiu-se ao septo e acendeu uma vela ao Pai de Cima pelo seu pai, uma segunda à Velha, que deixara entrar no mundo o primeiro corvo quando espreitara pela porta da morte, e uma terceira à Mãe, por Lysa e todos os filhos que ambas tinham perdido.

Mais tarde, enquanto estava sentada junto à cama de Lorde Hoster com um livro na mão, lendo a mesma passagem uma e outra vez, ouviu o som de vozes alteradas e um sopro de trombeta. *Sor Robin*, pensou de imediato, estremecendo. Foi até à varanda, mas nos rios nada havia para ver, embora pudesse ouvir com mais clareza as vozes lá de fora, o ruído de muitos cavalos, o tinir de armaduras, e de vez em quando uma aclamação. Catelyn subiu a escada em caracol até ao telhado da fortaleza. *Sor Desmond não me proibiu o telhado*, disse a si mesma enquanto subia.

Os sons vinham do lado mais distante do castelo, perto do portão principal. Um grupo de homens encontrava-se junto da porta levadiça enquanto esta se erguia aos solavancos, e nos campos mais além, fora do castelo, viam-se várias centenas de cavaleiros. Quando o vento soprou, ergueu-lhes os estandartes, e Catelyn tremeu de alívio ao ver a truta saltante de Correrrio. *Edmure*.

Passaram-se duas horas até que ele achasse por bem vir ter com ela. O castelo já ressoava ao som de ruidosos encontros à medida que os homens iam abraçando as mulheres e as crianças que haviam deixado para trás. Três corvos partiram da colónia, asas negras batendo o ar enquanto levantavam voo. Catelyn observou-os da varanda do pai. Lavara o cabelo, mudara de roupa, e preparara-se para as censuras do irmão... mas mesmo assim a espera era difícil.

Quando enfim ouviu sons junto à sua porta, sentou-se e dobrou as mãos no regaço. Lama vermelha seca salpicava as botas, as grevas e o sobre-

tudo de Edmure. Pelo aspecto que ele trazia, nunca seria possível adivinhar que ganhara a batalha. Estava magro e descomposto, com o rosto pálido, a barba descuidada e os olhos brilhantes de mais.

— Edmure — disse Catelyn, preocupada —, pareces doente. Aconteceu alguma coisa? Os Lannister atravessaram o rio?

— Repeli-os. Ao Lorde Tywin, a Sandor Clegane, a Addam Marbrand, rechacei-os a todos. Mas Stannis... — Fez uma careta.

— Stannis? Que há com Stannis?

— Perdeu a batalha em Porto Real — disse Edmure em tom infeliz. — A sua frota foi queimada, e o exército desbaratado.

Uma vitória Lannister era má notícia, mas Catelyn não podia partilhar a óbvia consternação do irmão. Ainda tinha pesadelos com a sombra que vira deslizar pela tenda de Renly e com o modo como o sangue jorrara através do aço do seu gorjal.

— Stannis não era mais amigo do que o Lorde Tywin.

— Não compreendes. Jardim de Cima declarou o seu apoio a Joffrey. Dorne também. Todo o Sul. — Apertou a boca. — E *tu* achas por bem libertar o Regicida. Não tinhas o direito.

— Tinha o direito de uma mãe. — A voz dela estava calma, embora a notícia sobre Jardim de Cima constituísse um fortíssimo golpe nas esperanças de Robb. Mas agora não podia pensar nisso.

— Não tinhas o direito — repetiu Edmure. — Ele era cativo de Robb, cativo do teu *rei*, e Robb encarregou-me de o manter a salvo.

— Brienne mantê-lo-á a salvo. Jurou-o pela sua espada.

— Aquela *mulher*?

— Ela entregará Jaime a Porto Real, e trar-nos-á em segurança Arya e Sansa.

— Cersei nunca abrirá mão delas.

— Cersei, não. Tyrion. Ele jurou fazê-lo, numa audiência aberta. E o Regicida também o jurou.

— A palavra de Jaime não vale nada. E quanto ao Duende, diz-se que apanhou com um machado na cabeça durante a batalha. Estará morto antes de a tua Brienne chegar a Porto Real, se é que ela chega.

— Morto? — Poderiam os deuses ser realmente assim tão impiedosos? Tinha obrigado Jaime a prestar uma centena de juramentos, mas fora à promessa do irmão que prendera as suas esperanças.

Edmure mostrou-se cego para a sua aflição.

— Jaime estava a *meu* cargo, e tenciono tê-lo de volta. Enviei corvos...

— Corvos a quem? Quantos?

— Três — disse ele — para que haja certeza de a mensagem chegar ao

Lorde Bolton. Por rio ou por estrada, o caminho de Correrrio a Porto Real tem de levá-los a passar perto de Harrenhal.

— Harrenhal. — A própria palavra parecia escurecer a sala. O horror tornou-lhe a voz pesada quando disse: — Edmure, sabes o que fizeste?

— Não tenhas medo, omiti o teu papel. Escrevi que Jaime fugiu, e ofereci mil dragões pela sua recaptura.

Pior e pior, pensou Catelyn, desesperada. *O meu irmão é um tolo*. Sem serem convidadas, indesejadas, lágrimas encheram-lhe os olhos.

— Se isto foi uma fuga — disse ela em voz baixa — e não uma troca de reféns, porque haverão os Lannister de entregar as minhas filhas a Brienne?

— Nunca chegará a esse ponto. O Regicida ser-nos-á devolvido, assegurei-me disso.

— Tudo aquilo de que te asseguraste foi que eu não volte a ver as minhas filhas. Brienne podia tê-lo levado em segurança até Porto Real... *desde que ninguém andasse em sua perseguição*. Mas agora... — Catelyn não conseguiu continuar. — Deixa-me, Edmure. — Não tinha qualquer direito de lhe dar ordens, ali no castelo que em breve seria do irmão, mas o tom que empregou não admitia discussões. — Deixa-me com o pai e a minha dor, nada mais tenho a dizer-te. Vai. Vai. — Tudo o que queria era deitar-se, fechar os olhos e dormir, e rezar para que nenhum sonho viesse.

ARYA

O céu estava tão negro como as muralhas de Harrenhal atrás deles, e a chuva caía suave e constante, abafando o som dos cascos dos cavalos e escorrendo-lhes pelas caras.

Avançaram para norte, para longe do lago, seguindo uma estrada rural cheia de sulcos, através de campos destroçados e atravessando bosques e ribeiros. Arya tomou a dianteira, pondo o cavalo roubado a um imprudente trote rápido até que as árvores se fecharam à sua volta. O Tarte Quente e Gendry seguiram-na o melhor que conseguiram. Lobos uivavam à distância, e ela conseguia ouvir a respiração pesada do Tarte Quente. Ninguém falou. De tempos a tempos, Arya lançava um olhar de relance por sobre o ombro, para se certificar de que os dois rapazes não se tinham deixado ficar demasiado para trás, e para ver se eram perseguidos.

Sabia que o seriam. Roubara três cavalos dos estábulos e um punhal e um mapa do próprio aposento privado de Roose Bolton, e matara um guarda na poterna, rasgando-lhe a garganta quando ele ajoelhara para pegar na gasta moeda de ferro que Jaqen H'ghar lhe dera. Alguém o iria encontrar a jazer, morto, numa poça do seu próprio sangue, e então soaria o alarme. Acordariam o Lorde Bolton, e vasculhariam Harrenhal das ameias às adegas, e quando o fizessem, descobririam o desaparecimento do mapa e do punhal, além de algumas espadas do armeiro, pão e queijo das cozinhas, um ajudante de padeiro, um aprendiz de ferreiro e uma copeira chamada Ama... ou Doninha, ou Arry, dependendo de quem respondesse.

O Senhor do Forte do Pavor não viria atrás deles em pessoa. Roose Bolton ficaria na cama, com a pele pálida salpicada de sanguessugas, dando ordens na sua voz sussurrante. O seu subordinado Walton poderia dirigir a perseguição, aquele a quem chamavam Pernas d'Aço devido às grevas que usava sempre nas longas pernas. Ou talvez fosse o baboso Vargo Hoat e os seus mercenários, que chamavam a si próprios Bravos Companheiros. Os outros chamavam-lhes Saltimbancos Sangrentos (embora nunca na sua frente), e por vezes Homens dos Pés devido ao hábito que o Lorde Vargo tinha de cortar as mãos e pés dos homens que lhe desagradavam.

Se nos apanharem, vão cortar-nos as mãos e os pés, pensou Arya, *e depois Roose Bolton vai esfolar-nos.* Ainda trazia vestido o traje de pajem, e no peito, sobre o coração, tinha cosido o símbolo de Lorde Bolton, o homem esfolado do Forte do Pavor.

De todas as vezes que olhava para trás quase esperava ver um clarão de archotes a escorrer pelos distantes portões de Harrenhal, ou a correr ao longo do topo das enormes muralhas do castelo, mas nada se via. Harrenhal continuou a dormir, até se perder na escuridão e se esconder atrás das árvores.

Quando cruzaram o primeiro ribeiro, Arya virou o cavalo para o lado e levou-os para fora da estrada, seguindo o sinuoso curso de água ao longo de um quarto de milha até por fim subir uma margem pedregosa. Esperava que se os perseguidores trouxessem cães, isso talvez os fizesse perder-lhes o rasto. Não podiam ficar na estrada. *Há morte na estrada*, disse a si própria, *morte em todas as estradas*.

Gendry e o Tarte Quente não questionaram a sua opção. Afinal de contas, ela tinha o mapa, e o Tarte Quente parecia quase tão aterrorizado com ela como com os homens que podiam vir atrás deles. Vira o guarda que ela matara. *É melhor que tenha medo de mim*, disse a si própria. *Assim vai fazer o que eu disser, e não alguma coisa estúpida*.

Sabia que devia estar mais assustada do que estava. Tinha só dez anos, uma rapariguinha magricela num cavalo roubado com uma floresta escura à sua frente e atrás dela homens que de bom grado lhe cortariam os pés. Mas, sem saber porquê, sentia-se mais calma do que alguma vez se sentira em Harrenhal. A chuva lavara-lhe dos dedos o sangue do guarda, trazia uma espada a tiracolo, havia lobos a percorrer as trevas como esguias sombras cinzentas, e Arya Stark não tinha medo. *O medo corta mais profundamente do que as espadas*, sussurrou em surdina, as palavras que Syrio Forel lhe ensinara, e também as palavras de Jaen, *valar morghulis*.

A chuva parou, recomeçou e voltou a parar e a recomeçar, mas tinham bons mantos para manter a água afastada. Arya manteve-os em movimento a um ritmo lento e regular. Estava demasiado escuro sob as árvores para avançar mais depressa; os rapazes não eram nenhuns cavaleiros, nenhum dos dois, e o terreno fofo e rasgado era traiçoeiro, cheio de raízes meio enterradas e de pedras escondidas. Atravessaram outra estrada, cujos profundos sulcos estavam cheios de água, mas Arya evitou-a. Levou-os para cima e para baixo ao longo das colinas arredondadas, através de sarças, espinheiros e arbustos, pelo fundo de barrancos estreitos, onde ramos pesados de folhas húmidas lhes esbofeteavam as caras ao passar.

A égua de Gendry perdeu uma vez o apoio na lama, caindo com força sobre os quartos traseiros e derrubando-o da sela, mas nem cavalo nem cavaleiro se feriram, e Gendry pôs aquela sua expressão teimosa no rosto e voltou logo a montar. Não muito tempo depois depararam com três lobos que devoravam o cadáver de um enho. Quando o cavalo do Tarte Quente detectou o cheiro, espantou-se e fugiu. Dois dos lobos fugiram também,

mas o terceiro ergueu a cabeça e mostrou os dentes, preparado para defender a caça.

— Recua — disse Arya a Gendry. — Devagar, para não o assustares. — Desviaram as montadas até que o lobo e o seu banquete ficaram fora de vista. Foi só então que ela fez meia-volta para ir no encalço do Tarte Quente, que se agarrava desesperadamente à sela enquanto arremetia por entre as árvores.

Mais tarde passaram por uma aldeia incendiada, abrindo caminho com cuidado por entre as paredes vazias de choupanas enegrecidas e junto aos ossos de uma dúzia de mortos enforcados numa fileira de macieiras. Quando o Tarte Quente os viu, pôs-se a rezar, sussurrando uma frágil súplica pela misericórdia da Mãe, repetindo-a uma e outra vez. Arya ergueu os olhos para os mortos descarnados nas suas roupas molhadas e a apodrecer e pronunciou a sua própria prece. *Sor Gregor*, começava ela, *Dunsen*, *Polliver*, *Raff*, *o Querido*. *O Córcegas e o Cão de Caça*. *Sor Ilyn*, *Sor Meryn*, *Rei Joffrey*, *Rainha Cersei*. Terminou-a com *valar morghulis*, levou os dedos ao sítio onde a moeda de Jaqen se aninhava sob o cinto e depois ergueu a mão e colheu uma maçã de entre os mortos, ao passar por eles. Estava mole e madura de mais, mas comeu-a, com bicho e tudo.

Esse foi o dia sem alvorada. Lentamente, o céu foi clareando à volta deles, mas nunca chegaram a ver o Sol. O negro transformou-se em cinzento, e as cores regressaram timidamente ao mundo. Os pinheiros marciais vestiam-se de verdes sombrios, as árvores de folha caduca de vermelhos-escuros e dourados-desvanecidos, que já começavam a acastanhar. Pararam o tempo suficiente para dar água aos cavalos e comer um pequeno-almoço rápido e frio, desfazendo um dos pães que o Tarte Quente roubara das cozinhas, e passando de mão em mão bocados de duro queijo amarelo.

— Sabes para onde vamos? — perguntou-lhe Gendry.

— Para norte — disse Arya.

O Tarte Quente olhou em volta com ar incerto.

— Para que lado fica o norte?

Arya usou o queijo para apontar.

— Para ali.

— Mas não há Sol. Como é que sabes?

— Pelo musgo. Estás a ver como cresce principalmente de um dos lados das árvores? Isso é o sul.

— Que queremos nós com o norte? — quis saber Gendry.

— O Tridente. — Arya desenrolou o mapa roubado a fim de lhes mostrar. — Vês? Quando chegarmos ao Tridente, tudo o que temos de fazer é segui-lo para cima até chegarmos a Correrrio, aqui. — Traçou o percurso

com o dedo. — É um longo caminho, mas não é possível perdermo-nos, desde que sigamos o rio.

O Tarte Quente piscou os olhos para o mapa.

— Qual deles é Correrrio?

Correrrio estava pintado como uma torre de castelo, na junção entre as linhas azuis onduladas de dois rios, o Pedregoso e o Ramo Vermelho.

— Ali. — Arya tocou-lhe. — Diz *Correrrio*.

— Sabes ler coisas escritas? — disse-lhe ele com espanto, como se ela tivesse dito que conseguia caminhar sobre água.

Arya anuiu.

— Ficaremos seguros depois de chegarmos a Correrrio.

— Ah sim? Porquê?

Porque Correrrio é o castelo do meu avô, e o meu irmão Robb estará lá, quis ela dizer. Mordeu o lábio e enrolou o mapa.

— Porque sim. Mas só se chegarmos lá. — Foi a primeira a subir para a sela. Sentiu-se mal por esconder a verdade do Tarte Quente, mas não confiava nele o suficiente para lhe contar o seu segredo. Gendry sabia, mas isso era diferente. Gendry tinha o seu próprio segredo, embora nem mesmo ele parecesse saber qual era.

Nesse dia Arya aumentou o ritmo, mantendo os cavalos a trote o máximo de tempo que se atreveu, e por vezes pondo-os a galope, quando via uma extensão plana de terreno à frente do grupo. Mas isso acontecia raramente; à medida que avançavam, o terreno ia-se tornando mais acidentado. Os montes não eram altos, nem com declives particularmente acentuados, mas pareciam não ter fim, e em breve se cansaram de subir um e descer outro, dando por si a seguir a topografia, percorrendo os leitos de ribeiros e atravessando um labirinto de vales arborizados e pouco profundos, onde as árvores formavam um dossel sólido sobre as suas cabeças.

De tempos a tempos, mandava o Tarte Quente e Gendry em frente enquanto voltava para trás a fim de tentar confundir o rasto, sempre à escuta do primeiro sinal de perseguição. *Demasiado devagar*, pensou de si para si, mordendo o lábio, *vamos demasiado devagar, eles vão apanhar-nos pela certa*. Uma vez, do cume de uma serra, vislumbrou silhuetas escuras a atravessar um ribeiro no vale, atrás deles, e durante meio segundo temeu que os cavaleiros de Roose Bolton estivessem quase a alcançá-los, mas quando voltou a olhar, compreendeu que era apenas uma matilha de lobos. Pôs as mãos em concha em volta da boca e uivou-lhes, “*Ahuuuuuuuuuu, ahuuuuuuuuuu*”. Quando o maior dos lobos levantou a cabeça e uivou de volta, o som fez Arya tremer.

Por volta do meio-dia, o Tarte Quente tinha começado a queixar-se.

Tinha o rabo dorido, disse-lhes, e a sela estava a deixá-lo em carne viva entre as pernas, e além disso tinha de dormir um bocado.

— Estou tão cansado que vou cair do cavalo.

Arya olhou para Gendry.

— Se ele cair, quem achas que o vai encontrar primeiro, os lobos ou os Saltimbancos?

— Os lobos — disse Gendry. — Narizes melhores.

O Tarte Quente abriu a boca e fechou-a. Não caiu do cavalo. A chuva recomeçou pouco depois. Ainda não tinham sequer vislumbrado o Sol. Estava a ficar mais frio, e pálidas neblinas brancas insinuavam-se entre os pinheiros e eram sopradas através dos campos nus e queimados.

Gendry estava quase em tantas dificuldades como o Tarte Quente, embora fosse demasiado teimoso para se queixar. Sentava-se desajeitadamente na sela, com uma expressão determinada no rosto por baixo do hirsuto cabelo negro, mas Arya via que ele não era bom cavaleiro. *Devia ter-me lembrado*, pensou de si para si. Arya montava desde que se conhecia, póneis quando era pequena e mais tarde cavalos, mas Gendry e o Tarte Quente tinham nascido na cidade, e na cidade o povo caminhava. Yoren dera-lhes montadas quando os levava de Porto Real, mas montar um burro e arrastar-se pela Estrada de Rei atrás de uma carroça era uma coisa. Dirigir um cavalo de caça através de bosques selvagens e campos queimados era outra.

Arya sabia que avançaria muito mais rapidamente sozinha, mas não podia abandoná-los. Eram a sua matilha, os seus amigos, os únicos amigos vivos que lhe restavam, e se não fosse ela, ainda estariam a salvo em Harrenhal, Gendry a suar na sua forja e o Tarte Quente nas cozinhas. *Se os Saltimbancos nos apanharem, digo-lhes que sou filha de Ned Stark e irmã do Rei no Norte. Ordeno-lhes que nos levem ao meu irmão e que não façam mal ao Tarte Quente e a Gendry*. Mas podiam não acreditar nela, e mesmo se acreditassem... o Lorde Bolton era vassalo do irmão, mas assustava-a mesmo assim. *Não deixarei que nos capturem*, jurou em silêncio, estendendo a mão por sobre o ombro para tocar o cabo da espada que Gendry roubara para ela. *Não deixarei*.

Ao fim dessa tarde, saíram de debaixo das árvores e deram por si nas margens de um rio. O Tarte Quente soltou um grito de alegria.

— O *Tridente!* Agora tudo o que temos a fazer é segui-lo na direcção da nascente, como disseste. Estamos quase lá!

Arya mordeu o lábio.

— Não me parece que este seja o Tridente. — O rio seguia cheio devido à chuva, mas mesmo assim não devia ter muito mais do que dez metros de largura. Lembra-se do Tridente como um rio muito mais largo. — É

pequeno de mais para ser o Tridente — disse-lhes — e não avançámos o suficiente.

— Avançámos, pois — insistiu o Tarte Quente. — Cavalgámos o dia todo, e quase não parámos. Devemos ter avançado uma grande distância.

— Vamos dar outra olhadela a esse mapa — disse Gendry.

Arya desmontou, pegou no mapa e desenrolou-o. A chuva tamborilou na pele de ovelha e escorreu em Arroios.

— Estamos algures por aqui, acho eu — disse ela, apontando, enquanto os rapazes espreitavam por cima dos seus ombros.

— Mas — disse o Tarte Quente — isso não é distância quase nenhuma. Olha, Harrenhal está ali junto ao teu dedo, estás quase a *tocar-lhe*. E cavalgámos o dia inteiro!

— Há milhas e milhas antes de chegarmos ao Tridente — disse ela. — Não estaremos lá antes de se passarem *dias*. Este deve ser outro rio qualquer, um destes, olha. — Mostrou-lhe algumas das linhas azuis mais finas que o cartógrafo tinha pintado, todas elas com um nome pintado por baixo em letra pequena. — O Darry, o Maçã Verde, o Donzel... olha, este, o Salgueiro Pequeno, pode ser isso.

O Tarte Quente ergueu os olhos da linha e dirigiu-os ao rio.

— Não me parece assim tão pequeno.

Gendry também estava a franzir o sobrolho.

— Esse rio que estás a apontar corre para aquele, vês?

— O Salgueiro Grande — leu Arya.

— Seja o Salgueiro Grande. Olha, e o Salgueiro Grande corre para o Tridente, portanto podíamos seguir um deles até ao outro, mas tínhamos de descer o rio em vez de o subir. Só que se este rio *não for* o Salgueiro Pequeno, se for este aqui...

— Regato Encrespado — leu Arya.

— Olha, ele dá a volta e desce na direcção do lago, de volta a Harrenhal. — percorreu a linha com um dedo.

Os olhos do Tarte Quente esbugalharam-se.

— Não! Eles matam-nos de certeza.

— Temos de saber que rio é este — declarou Gendry com a sua voz mais obstinada. — Temos de saber.

— Bem, mas *não sabemos*. — O mapa podia ter nomes escritos junto às linhas azuis, mas ninguém escrevera um nome na margem do rio. — Não subimos nem descemos o rio — decidiu Arya, enrolando o mapa. — Atravessamos e continuamos a seguir para norte, como até aqui.

— Os cavalos sabem nadar? — perguntou o Tarte Quente. — Parece *profundo*, Arry. E se houver cobras?

— Tens a certeza que vamos para norte? — perguntou Gendry. — Todos aqueles montes... se virámos para trás...

— O musgo nas árvores...

Ele apontou para uma árvore próxima.

— Aquela árvore tem musgo de três lados, e a outra a seguir não tem musgo nenhum. Podemos estar perdidos, a andar em círculos.

— Podemos — disse Arya — mas vou atravessar o rio na mesma. Podeis vir, ou podeis ficar aqui. — Voltou a trepar para a sela, ignorando-os a ambos. Se não quisessem segui-la, podiam encontrar Correrrio sozinhos, muito embora fosse mais provável que os Saltimbancos os encontrassem a eles.

Teve de cavalgar uma boa meia milha ao longo da margem antes de finalmente encontrar um local onde parecia que talvez fosse seguro atravessar, e mesmo aí a égua mostrou-se relutante em entrar na água. O rio, fosse qual fosse o seu nome, corria turvo e rápido, e a parte profunda do meio ultrapassava a barriga do cavalo. Água encheu-lhe as botas, mas ela fez na mesma pressão com os calcanhares sobre o animal e saiu do rio na outra margem. Vindo de trás, ouviu um esparrinhar de água e o relincho nervoso de uma égua. *Então eles seguiram-me. Ótimo.* Virou-se para observar os rapazes a lutar por atravessar e a emergir, pingando, a seu lado.

— Não foi o Tridente — disse-lhes. — *Não foi.*

O rio seguinte era menos profundo e mais fácil de vadear. Esse também não era o Tridente, e ninguém discutiu com ela quando lhes disse que o iam atravessar.

Caía o ocaso quando pararam para voltar a dar descanso aos cavalos e partilhar outra refeição de pão e queijo.

— Tenho frio e estou molhado — queixou-se o Tarte Quente. — Agora estamos muito longe de Harrenhal, com certeza. Podíamos acender uma fogueira...

— *NÃO!* — disseram Arya e Gendry, precisamente no mesmo instante. O Tarte Quente vacilou um pouco. Arya deitou a Gendry um olhar de viés. *Ele disse-o comigo, como Jon costumava fazer lá em Winterfell.* De todos os irmãos, era de Jon Snow que sentia mais saudades.

— Pelo menos podíamos dormir? — perguntou o Tarte Quente. — Estou tão cansado, Arry, e tenho o rabo dorido. Acho que tenho bolhas.

— Vais ter mais do que isso se fores apanhado — disse ela. — Temos de continuar. Temos *mesmo*.

— Mas é quase noite, e nem sequer consegues ver a Lua.

— Volta para o cavalo.

Avançando penosamente a passo lento enquanto a luz se desvanecia à volta deles, Arya descobriu que a sua própria exaustão pesava bastante

sobre si. Precisava tanto de dormir como o Tarte Quente, mas não se atrevia. Se dormissem, podiam abrir os olhos e encontrar Vargo Hoat em pé ao lado deles com Shagwell, o bobo, o Fiel Urswyck, Rorge, o Dentadas e o Septão Utt e todos os seus outros monstros.

Mas ao fim de algum tempo, os movimentos do cavalo tornaram-se tão calmantes como o balançar de um berço, e Arya começou a ficar com os olhos pesados. Deixou-os fechar, só por um instante, depois voltou a abri-los, sobressaltada. *Não posso adormecer*, gritou em silêncio para si própria, *não posso, não posso*. Esfregou um olho com força para o manter aberto, segurando bem as rédeas e pondo a égua a galope ligeiro. Mas nem ela nem o cavalo conseguiam manter o ritmo, e passaram apenas alguns momentos até que voltassem ao passo, e alguns mais até que os seus olhos se fechassem uma segunda vez. Daquela vez não se abriram tão depressa como da primeira.

Quando se abriram, descobriu que o cavalo parara e estava a morder um tufo de erva, enquanto Gendry lhe abanava o braço.

— Deixaste-te dormir — disse-lhe.

— Estava só a descansar os olhos.

— Então descansaste-os durante um bom bocado. O teu cavalo estava a vaguear em círculo, mas foi só quando parou que percebi que estavas a dormir. O Tarte Quente está na mesma, foi de encontro a um ramo de árvore e foi derrubado do cavalo, devias tê-lo ouvido gritar. Nem mesmo isso te acordou. Precisas de parar e dormir.

— Posso continuar durante tanto tempo como tu. — E bocejou.

— Mentirosa — disse ele. — Continua se quiseres ser estúpida, mas eu vou parar. Fico com o primeiro turno. Tu, dorme.

— E o Tarte Quente?

Gendry apontou. O Tarte Quente já estava no chão, enrolado debaixo do manto numa cama de folhas húmidas e a ressonar baixinho. Tinha um grande bocado de queijo numa mão, mas parecia ter adormecido entre dentadas.

Arya compreendeu que não valia a pena discutir; Gendry tinha razão. *Os Saltimbancos também terão de dormir*, disse a si própria, esperando que fosse verdade. Estava tão cansada que precisou de lutar até para descer da sela, mas lembrou-se de prender o cavalo antes de encontrar um sítio debaixo de uma faia. O chão era duro e estava húmido. Perguntou a si própria quanto tempo passaria até voltar a dormir numa cama, com comida quente e um fogo para a aquecer. A última coisa que fez antes de fechar os olhos foi desembainhar a espada e pousá-la a seu lado.

— Sor Gregor — murmurou, bocejando. — Dunsen, Polliver, Raff, o Querido. O Cócegas e... o Cócegas... o Cão de Caça...

Os seus sonhos foram rubros e violentos. Os Saltimbancos andavam atrás deles, pelo menos quatro, um liseno pálido e um homem de Ib, escuro, brutal e com um machado, o senhor dos cavalos dothraki cheio de cicatrizes chamado Iggo e um homem de Dorne cujo nome nunca soubera. Avançavam e continuavam a avançar, cavalgando à chuva, vestidos com cota de malha que enferrujava e couro molhado, com as espadas e o machado a retinir contra as suas selas. Pensavam que andavam a persegui-la, soube Arya com toda a estranha e aguçada certeza dos sonhos, mas enganavam-se. Era ela que os perseguia a eles.

Ela não era uma rapariguinha no sonho; era uma loba, enorme e poderosa, e quando emergiu de debaixo das árvores à frente deles e arreganhou dos dentes, num rosnido grave e trovejante, sentiu o fedor repulsivo do medo, vindo quer dos cavalos, quer dos homens. A montada do liseno empinou-se e berrou o seu terror, e os outros gritaram uns para os outros em fala de homem, mas antes de terem tempo de agir, os outros lobos saíram precipitadamente da escuridão e da chuva, uma grande matilha, lúgubre, molhada e silenciosa.

A luta foi curta mas sangrenta. O homem peludo caiu no momento em que puxava pelo machado, o escuro morreu a encaixar uma seta no arco, e o homem pálido de Lys tentou fugir. Os irmãos e irmãs dela deram-lhe caça e apanharam-no, fazendo-o virar-se uma e outra vez, caindo sobre ele por todos os lados, abocanhando as pernas do seu cavalo e rasgando a garganta do cavaleiro quando ele se estatelou na terra.

Só o homem com os sinos deu luta. O cavalo escolheu uma das suas irmãs na cabeça, e ele cortou outra quase ao meio com a sua garra curva e prateada enquanto o seu cabelo tilintava baixinho.

Cheia de raiva, saltou sobre as suas costas, derrubando-o da sela, de cabeça. As maxilas fecharam-se-lhe no braço durante a queda, com os dentes a afundar-se através do couro, lã e carne mole. Quando chegaram ao chão, deu uma violenta sacudidela com a cabeça, e arrancou o membro do ombro. Exultante, abanou-o de um lado para o outro na boca, espalhando as mornas gotículas vermelhas pela fria chuva negra.